PUC
RIO

ELISA CARVALHO TOURINHO

A RELAÇÃO DOS VALORES PSICOSSOCIAIS NA FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO DO JOVEM INFRATOR INSTITUCIONALIZADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1984

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Chamada: 150 / T727 /TESE UC
Título: A relação dos valores psicossociais na f
0 0 0 6 3 2 4
Ex: 1-CENTRAL 2360

ELISA CARVALHO TOURINHO

A RELAÇÃO DOS VALORES PSICOSSOCIAIS NA FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO DO JOVEM INFRATOR INSTITUCIONALIZADO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Maria Helena N.Mira

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 1984.

UNIVERSIDADE CATÓLICA
BIBLIOTECA
DO RIO DE JANEIRO
331
24/01/83
6324

UC-00003151-4

150
T 427
TESE UC

AGRADECIMENTOS

- À Maria Helena N. Mira, pela orientação e dedicação com que acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa.

- A Octávio A. Tourinho que colaborou positiva e seguramente na avaliação estatística, dando todo o apoio e incentivo necessários para o término do trabalho.

RESUMO

Este trabalho focalizou a importância da relação entre as características psicossociais e a formação do autoconceito de jovens infratores.

Foi realizada uma pesquisa de campo com oitenta adolescentes de 12 a 19 anos, institucionalizados na FUNABEM do Rio de Janeiro, a fim de investigar a influência dos valores na formação e hierarquização do autoconceito segundo o Modelo Teórico de L'Écuyer.

O autor define o autoconceito como um sistema multidimensional composto de estruturas fundamentais que se desdobram em subestruturas que caracterizam as suas múltiplas facetas. Estas subestruturas obedecem as variações do meio ambiente e da faixa etária em que o indivíduo se encontra.

A fim de medir a correlação entre a variável valor sócio-cultural e subestruturas do autoconceito, foram construídas duas avaliações: um questionário de autoconceito e um inventário de valores.

Os resultados estatísticos demonstraram coeficientes de correlação significativos entre determinados valores psicossociais e subestruturas do autoconceito, variando conforme a faixa etária do adolescente, o que confirma a tese de L'Écuyer de que o autoconceito se modifica constante e dinamicamente na trejetória vital do indivíduo.

ABSTRACT

This work was intended to focus on the importance of the relation between psycho-social characteristics and the formation of self-concept among juvenile delinquents.

Field research was carried out among eighty adolescents ranging from 12 to 19 years of age confined in the FUNABEM Institute in Rio de Janeiro to investigate the influence of social values in the formation of self-concept according to L'Ecuyer's Theoretical Model.

Self-concept was defined by this author as a multidimensional model consisting of fundamental structures that are unfolded into sub-structures, which characterizes their multiple features.These sub-structures also change with the enviromment and age of the individuals.

In order to measure the correlation between social value and self-concept sub-estructures variables, two special instruments have been developed: 1) self-report inventory and 2)social value inventory.

The statistical results showed significant correlations between the two variables which varied in the different age groupes. This confirms L'Ecuyer's hypothesis that self-concept in constantly and dynamicaly modified through the life of an individual.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO 1

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 4

2.1 - Característica Psicológica do Adolescente 4

2.1.2 - Crise de Identidade segundo Erikson e Knobel 8

2.2 - Configuração dos Valores Sócio-culturais 18

2.2.1 - A Privação Cultural e sua Repercussão no Desenvolvimento Psicólogico da Criança e do Adolescente 20

2.2.2 - Padrões Culturais e sua Influência no Desenvolvimento Cognitivo e de Linguagem ... 26

2.3 - Formação da Subcultura Delinqüente 31

2.3.1 - Fatores Psicossociais Associados à Delinqüência Juvenil 37

2.4 - A Inter-relação dos Valores e do Autoconceito no Jovem Infrator 43

2.4.1 - O Autoconceito do Adolescente Institucionalizado 53

2.4.2 - Os Conceitos de Ego e Self 60

2.4.3 - Modelo Multidimensional de L'Écuyer 66

3. PESQUISA DE CAMPO 76

3.1 - Objetivos e problema a ser estudado 76

3.2 - Metodologia 77

3.2.1 - Procedimentos e Avaliação 77

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 81

5. CONCLUSÃO 99

BIBLIOGRAFIA 104

ANEXO 108

1 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propôs-se a investigar a relação dos valores psicossociais com a estruturação do autoconceito em grupo de jovens adolescentes infratores institucionalizados de nível sócio-econômico baixo, partindo de suas características próprias de acordo com seus contextos familiares, sociais e culturais que influenciam a formação do autoconceito.

O trabalho desenvolveu-se a partir do modelo teórico de L'Écuyer que fundamenta a hierarquização e organização interna das percepções dos indivíduos através de três tipos de perfís perceptivos: estruturas, subestruturas e categorias que variam conforme o grupo social e etário.

Através deste sistema multidimensional foi possível realizar uma análise do perfil psicológico do grupo em termos das dimensões mais importantes ao longo da etapa evolutiva da adolescência. Procurou-se também analisar a problemática dos jovens delinqüentes à nível de integração social, bem como dos problemas inerentes à própria adolescência.

Em geral nesta fase do desenvolvimento, o jovem tenta buscar uma identidade própria, rejeitando certos valores impostos de fora para dentro. Considerando que a população é constituída de infratores marginalizados, fez-se necessário a construção de um "Inventário de Valores", que possibilitasse a interpretação das características psicológicas do grupo, de acordo com as vivências de sua realidade social.

Foi levado em conta que o autoconceito é estruturado à nível interpessoal em função da percepção que o sujeito tem das avaliações feitas a seu respeito por pessoas que lhes são significativas, e que os valores apresentam-se como disposições latentes no indivíduo, relacionadas a um fim desejado (valor-fim) ou a um modo desejável de comportamento (valor-meio), exercendo influências sobre as suas atitudes e comportamentos manifestos.

Na nossa sociedade de consumo, a impregnância dos modelos da classe dominante acarreta atitudes de rejeição e preconceitos ao ignorar as características psicológicas, o código lingüístico, normas e atitudes sociais destes jovens. A subcultura delinqüente surge, no momento em que vários indivíduos apresentam problemas sociais semelhantes, sem solução institucional eficiente. A classe média não é aceita como grupo de referência e o jovem adota os valores do grupo de iguais. Através desta inter-relação sente-se livre para desenvolver suas normas e juízos críticos, utilizando critérios de acordo com seu próprio referencial ao fazer escolhas de conduta aceitável ou inaceitável.

Este trabalho representa portanto uma tentativa de penetrar em alguns valores do jovem infrator importantes para o reconhecimento social dentro de seu grupo e para a formação do seu autoconceito, visando contribuir para uma análise da realidade brasileira ainda pouco explorada.

Além da carência de pesquisas sobre autoconceito e formação de valores, é também escasso o número de estudos e trabalhos junto a adolescentes institucionalizados, apesar de reco-

mendações de estudiosos desse campo.

A violência no Rio de Janeiro, como em todo o Brasil, tem sido assunto relevante em nossa sociedade atual. Este fenômeno coincide com um período de desorganização social que vem acompanhado por níveis bastante acentuados de inflação e instabilidade econômica.

Considerando que o desenvolvimento da personalidade se dá num meio sócio-cultural, através da introjeção de valores e normas comuns à sociedade, qualquer problema de desorganização e tensões internas, irão se refletir nos grupos sociais primários e secundários.

O presente estudo buscou assim acrescentar esforços para uma melhor compreensão da problemática do jovem marginal através de um enfoque psicossocial que possa subsidiar aqueles que lidam com tal problemática.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Caracterização Psicológica do Adolescente

A adolescência é um período evolutivo de desenvolvimento pessoal, de crise de identidade no qual os indivíduos lutam por uma redefinição do EU e por uma reformulação do seu auto-conceito.

Caracteriza-se a adolescência por modificações físicas, sociais, emocionais, afetivas, intelectuais, e morais, que irão variar de acordo com a maturação que o jovem vai adquirindo.

Principais níveis de desenvolvimento na trajetória evolutiva do adolescente:

1) Níveis de interesse:

- 12 a 15 anos: interesses emocionais e subjetivos, fazendo com que o jovem se preocupe mais consigo mesmo, com suas recentes modificações tanto no corpo como na área afetivo emocional.

- 16 a 19 anos: interesses já começam a diversificar-se através das vivências dentro dos grupos, e dos papéis assumidos, que serão variáveis de acordo com a opinião do grupo e das situações. A partir daí ocorrerá amplitude e interesses sedimentados pela descoberta do mundo social como ele é e da percepção das pessoas e das coisas. A consciência coletiva irá caracterizar esta fase mais amadurecida.

2) Desenvolvimento emocional:

- de 12 a 15 anos: é uma fase de turbulência causada pelas mudanças súbitas de humor e pelo caráter irracional de muitas ações impulsivas dos jovens. Os adolescentes apresentam diferentes níveis de emoções quase que simultaneamente e suas atitudes tendem a flutuar entre estados de otimismo, cooperação, retraimento ou depressão.

- de 16 a 19 anos: já começa a apresentar formas de ajustamento mais organizadas, e um maior controle emocional, dependendo do seu amadurecimento emocional de experiências anteriores; tendo no passado uma estabilidade psíquica, condições emocionais mais estáveis estará mais fortalecido para enfrentar tensões e pressões emocionais da adolescência.

  No decorrer do seu desenvolvimento o jovem vai dominando sucessivamente as situações conflitivas e obtém maior domínio sobre suas emoções, apresentando maior equilíbrio e estabilização emocional, além da tolerância às situações frustradoras, conseguindo adotar plano de vida compatível com a realidade subjetiva e objetiva, apresentando uma boa adequação de respostas às situações de emergência ou de ambigüidade.

3) Estruturação do ego:

- 12 a 15 anos: as modificações, tanto físicas como psicológicas, que ocorrem nesta etapa acarretam modificações na sensibilidade e no comportamento do jovem. Está aberto pa-

ra uma realidade tão nova quanto exigente, mas teme continuidade como pessoa na vida, no mundo e em relação a si mesmo.

Ainda não encontrou sua identidade própria, não se sente bastante integrado consigo mesmo.

- 16 a 19 anos: o jovem já consegue uma melhor reestruturação de seu auto-conceito, através da elaboração da consciência da imagem de si mesmo.

  Realiza a síntese das experiências passadas e presentes desenvolvendo a vida anterior e a vida social. O seu senso de identidade leva-o a dominar os problemas da infância e a uma prontidão para enfrentar os desafios do mundo adulto. Procura a segurança em seu grupo de companheiros de idade para ampliar seus juízos, sua crítica e partilhar dos interesses e valores do grupo; opõe-se ao domínio dos familiares e aos seus valores, devido à necessidade de separar sua identidade de seus pais e de participar de um grupo social. A partir dessa etapa, o jovem parece mais integrado, independente, podendo manter-se por si mesmo com uma capacidade de estabelecer contato com o meio e relações com os demais indivíduos, além de cooperar e colaborar com os diversos grupos sociais. Vai adquirindo assim os mecanismos psicológicos básicos de auto-regulação e de auto-controle para a formação da sua identidade.

4) Desenvolvimento sexual:

- de 12 a 15 anos: o conflito e ansiedade causados pelo im-

pacto da puberdade causa intensa curiosidade sexual e uma busca constante de informações sobre o sexo.

É mais ou menos constante a preocupação com devaneios heterosexuais e fantasias masturbatórias de atividades sexuais.

- 16 a 19 anos: nessa relação surgem experiências sexuais novas que aliadas ao comportamento sexual podem desencadear medo e angústia provocadas pela aproximação das relações heterosexuais. A medida que o tempo passa o jovem, então desenvolve relações mais duradouras, possibilitando assim o estabelecimento da identidade sexual.

5) Desenvolvimento moral:

- 12 a 15 anos: nesta fase o jovem reexamina os padrões morais que lhe foram impostos na infância. Surge a possibilidade de uma mudança desejável das referências da infância numa busca de novos parâmetros. Durante a fase da latência os jovens aceitam os juízos dos pais. Iniciada a adolescência contestam esses juízos numa tentativa de por à prova o que antes aceitavam sem discussão. Com a diminuição da influência de identificação anterior, segue-se a reavaliação e a comprovação dessas atitudes dos pais.

- de 16 a 19 anos: incertezas, contradições no domínio dos padrões morais são comuns nessa idade. A identidade destes jovens entra em estreita relação com os valores culturais e os modelos dos papéis da sociedade. A importância da elaboração da ideologia nesta fase está relacionada com uma visão de uma ordem mundial nova como reação ao conflito de

desencontro consigo e de uma tentativa de apoio em grupos coesos onde possa se sentir mais forte. A ideologia oferece, portanto, uma possibilidade de compromisso entre o mundo interior dos ideais e os males do mundo social. Na fase anterior o jovem estava mais preocupado com seu próprio corpo, numa atitude narcísica; agora já aprendeu a assumir suas atrações ao se relacionar com membros do sexo oposto, procurando estabelecer vínculos de ligação afetiva.

2.1.2 - Crise de Identidade segundo Erikson e Knobel

O processo de formação da identidade começa na infância e constitui-se num problema na adolescência, uma vez que nesta etapa evolutiva ocorrem mudanças numerosas, bruscas e profundas tanto na área física como na psicológica, estando o jovem empenhado numa tarefa importante que é a de descobrir sua própria identidade.

De acordo com Erikson, o sentimento de identidade decorre de um processo dialético no qual a dimensão psicológica interna e as condições sociais externas se fundem numa síntese, não sendo nem o resultado passivo dos condicionamentos sociais, nem tampouco da autonomia do ego.

A crise da adolescência é pois uma crise de identidade, no que diz respeito a si mesmo (identidade do eu), e a sua relação com o ambiente externo (identidade social). Para Erikson a crise apresenta aspectos saudáveis, na medida em que se constitui numa reorganização do eu e na mobilização de ener-

gias psíquicas disponíveis e "não contaminadas" para alcançar uma nova síntese ao nível da personalidade total.

A idéia de crise de identidade é um conceito na qual o autor configurou de maneira completa os aspectos psicológicos, sociais e psicossociais. Comecemos com os aspectos psicológicos, neste sentido a crise é, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente, na medida em que nela se encontra, por um lado, um sentido de continuidade e necessidade pessoal e, por outro, um tipo de "viver-não-consciente-de-si-mesmo". A combinação e integração destes dois planos dá lugar à emergência de um conjunto unificado formado por aquilo que é dado de maneira irreversível pelo (somatotipo, pelos modelos infantis, preconceitos enraizados), bem como os ajustes e escolhas que foram realizados mais conscientemente através dos papéis disponíveis, possibilidades ocupacionais, valores oferecidos ou amizades feitas e encontros sexuais, tudo isso condicionado por pautas culturais e conjunturas históricas, mais tradicionais ou modernas.

Este processo de integração psicológica está pautado na dinâmica do conflito que alerta e opõe barreiras às possibilidades de integração e no seu clima pode conduzir a estados mentais contraditórios tais como um sentimento de vulnerabilidade exacerbado e, alternativamente, um outro de grandes perspectivas individuais.

A crise do adolescente possui seu próprio tempo evolutivo antes do qual dificilmente pode ocorrer, pois às pré-condições somáticas , cognitivas e sociais não se deram ainda. Assim

sendo, a crise tem uma dimensão temporal já que ela se estende "tanto ao passado quanto ao futuro" e vincula a infância com cada uma das etapas evolutivas que se seguem. (Erickson, 1971, p. 12)

Os aspectos "sociais" da identidade dependem do ambiente externo e da qualidade das relações sociais mais imediatas do adolescente. Nenhum "eu" constitui-se uma ilha para si mesmo. No decorrer da vida o estabelecimento e manutenção desta força que pode reconciliar descontinuidades e ambugüidades (quer dizer o que permite superar a crise) depende do apoio, primeiro, de modelos parentais e, depois, de modelos comunitários. Num nível mais amplo, Erikson sustenta que "a juventude, em particular, depende da coerência ideológica do mundo que supõe-se, deverá gerir mais tarde e que deverá confirmar e aderir ou recusar e combater através do seu processo de aquisição da identidade social". (1971, p. 12-13). Assim, a coerência da sociedade dos seus valores e ideologias é um componente essencial no processo de formação da identidade e nas crises que inevitavelmente o acompanham.

O aspecto "psicossocial" se refere aos níveis de percepção individual e social e as diferenças encontradas ao comparar períodos históricos, classes sociais e diversas sociedades. A crise em certas ocasiões é quase imperceptível e se apresenta "sem nenhum ruído"; em outras a crise está institucionalizada mediante cerimônias ou intensificada mediante a disputa coletiva ou conflito individual. Dentro desta dimensão, a identidade pode aparecer como um aspecto negativo e animador ou rebelde segundo sua natureza."Nesta introjeção de imagens negativas e de repressões encontra-se, freqüentemente, um po-

tencial energético muito grande que pode derivar tanto para a criação de uma força transformadora e inovadora ou para um "comportamento criminoso", como pode servir para bloquear todos os aspectos positivos da identidade contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos retraídos e rotineiros, que são essencialmente não criativos." (Erickson, 1971, p. 14)

Finalmente, qualquer que seja a crise de identidade , dependerá freqüentemente do pânico latente dentro de um período histórico."Alguns períodos da história se tornam vazios de identidade por causa de três formas básicas da apreensão humana: medos despertados por fatos novos... ansiedades despertadas por perigos simbólicos... e o temor de um abismo existencial desprovido de significado espiritual." (Erickson, 1971, p. 15)

Para Erikson essa identidade depende portanto, do apoio que o indivíduo jovem receba dos grupos sociais que são significativos para ele: sua nação, sua cultura e sua classe . "Sempre que a auto-definição resultante por razões pessoais ou coletivas, torna-se excessivamente difícil, resulta um *sentimento de confusão de papel:* o jovem, em vez de sintetizar contraponteia as suas alternativas sexuais, étnicas, ocupacionais e tipológicas, e é freqüentemente impelido a decidir, definitiva e totalmente, por um lado ou por outro". (1976, p. 87.)

A sociedade tem a função de orientar e limitar as opções individuais. As sociedades primitivas sempre tomaram essa função muito a sério, pois os seus ritos de passagem substituem o conflito gerado pela indefinição. Entretanto, a juventude sempre descobriu maneiras de reviver as "iniciações" mais primi

tivas, formando turmas fechadas, bandos ou grupos acadêmicos . Desenvolvem uma autopadronização espontânea a qual torna absolutamente obrigatório para os "iniciados" os estilos de vestuários próprios e modos de gesticular e falar. "A necessidade de encontrar, pelo menos temporariamente, um cunho total de padrão é, hoje em dia, tão grande que a juventude prefere, por vezes, nada ser - e isso de um modo total - a continuar sendo um feixe contraditório de fragmentos de identidade".(Erickson, 1971, p. 87) Numa escala mais ampla, a identidade negativa predomina na juventude delinquente, principalmente nas grandes cidades, onde as condições de marginalidade econômica, étnica e religiosa fornecem bases pobres para qualquer espécie de identidade positiva. Se tais identidades negativas são aceitas como natural pelas próprias autoridades e instituições, é freqüente estes jovens investirem seu orgulho, assim como a sua necessidade de orientação total, em tornar-se exatamente o que a comunidade negligente espera que ele seja. Analogamente, muitos jovens de antecedentes marginais e autoritários encontram refúgio temporário em grupos radicais baseados nesta ideologia de tudo-ou-nada.

Erikson ressalta que a adolescência, portanto, é menos conflitiva para o jovem talentoso e bem treinado na exploração das tendências tecnológicas e apto, por conseguinte, a identificar-se com os novos papéis de competência e invenção , aceitando a perspectiva ideológica em vigor.

Em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens. Para se manterem juntos, eles superidentificam-se temporariamente com os he

rôis de facções e de multidões, ao ponto de uma perda aparentemente completa de individualidade.

Nesta fase até mesmo o apaixonar-se não significa uma questão puramente sexual. O amor adolescente é uma tentativa para se chegar a uma definição da identidade própria mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra . Por outro lado, o esclarecimento também pode ser procurado por meios destrutivos. Os jovens poderão tornar-se extraordinariamente dedicados a uma clã, intolerantes e cruéis na sua exclusão de outros que sejam diferentes nos gostos, talentos e incluindo gestos, arbritariamente selecionados como sinais de "ser do grupo" ou "não ser do grupo". É importante compreender, em princípio, que tal intolerância pode ser por algum tempo , uma defesa necessária contra um sentimento de perda de identidade. Isso é inevitável num período da vida em que o corpo muda radicalmente suas proporções com o amadurecimento dos órgãos genitais e o conseqüente impulso de atração aos sexo oposto, surgindo paralelamente inúmeras possibilidades e opções que levam ao conflito.

"Os adolescentes não só se ajudam uns aos outros, temporariamente, no decorrer desse conturbado período, formando turmas e esteriotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos, mas também testam, insistentemente, as capacidades mútuas para lealdades constantes no meio de inevitáveis conflitos de valores". (1976, p. 133)

Aqueles que se ocupam especificamente do problema da adolescência em Psicologia parecem coincidir em suas opiniões em um ponto fundamental: além de ser a adolescência um fenôme-

no psicobiológico, é preciso que se considere com bastante importância o elemento sócio-cultural, como fator que exerce uma influência específica neste período.

Segundo Knobel (1981), o problema da crise da adolescência deve ser focalizado como um processo universal de mudança, de desprendimento, mas que se tingirá com conotações externas peculiares de cada cultura que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias.

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos dos pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. A sociedade, muitas vezes recorrendo a um mecanismo"esquizoide",faz com que suas próprias partes em conflito - como a juventude - adquira as características de tudo que é ruim. A severidade e a violência com que, se pretende reprimir um jovem só leva a um distanciamento maior, a um maior aumento dos conflitos desenvolvendo-se, cada vez mais , personalidades e grupos sociais mais anormais, que implicam em auto-destruição suicida da sociedade.

Para este autor, o adolescente de ambos os sexos está em permanente conflito, numa posição marginal, frente a uma sociedade repressora. Esta marginalidade pode levar o jovem a psicopatia, à atividade, delituosa ou pode funcionar, também como mecanismo de defesa a que o jovem recorrerá para preservar os valores essenciais da espécie humana - a capacidade de se adaptar,modificando o meio que trata de lhe negar a satisfação instintiva e a possibilidade de chegar a ser um adulto positivo e criativo.

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isso só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Na época que o adolescente se inclui no mundo com o corpo já maduro, a imagem que tem de seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo. Neste período flutua entre uma dependência e independência extremas. É um período de contradições, confusões e ambivalência, caracterizado por fricções com o meio familiar e social.

Quando o comportamento dos pais e educadores implica uma incompreensão das flutuações extremadamente polares entre refúgio na fantasia-ânsia de crescimento, conquistas adultas - refúgio em conquistas infantis, dificulta-se o trabalho de luto, no qual são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação de ambas as idades, a infantil e a adulto.

"Na medida em que o adolescente não encontre o caminho adequado para a sua expressão vital e para a aceitação de uma possibilidade de realização, não poderá jamais ser um adul

to satisfeito. A tecnificação da sociedade, o domínio de um mundo adulto incompreensível e exigente, a burocratização das possibilidades de emprego, as exigências de uma economia mal dirigida, criam uma divisão de classes absurda e ilógica que o indivíduo tenta superar mediante crises violentas, que podem se comparar a verdadeiras atitudes de caráter psicopático da adolescência. Muitas outras vezes, frente a estas necessidades a reação do adolescente, ainda que violenta, pode adotar a forma de uma reestruturação egoíca revolucionária, que conduz a uma liberação desse superego social cruel e limitador". (Knobel,1981,p.54)

Frente ao adolescente individual grande parte da oposição que se vive por parte dos pais é transferida ao campo social. Além disso, grande parte da frustração que significa fazer a luta pelos pais da infância projeta-se no mundo externo. Desta maneira, o adolescente sente que não é ele quem muda, quem abandona o seu corpo e o seu papel infantil, mas que são os seus pais e a sociedade os que se negam a seguir funcionando como pais infantis que têm com ele atitudes de cuidado e proteção ilimitadas. Descarrega então contra eles a sua agressão desenvolvendo atitudes destrutivas e anti-sociais.

A severidade e a violência com que, às vezes, se pretende reprimir os jovens só cria um distanciamento maior e uma agravação nos conflitos, com o desenvolvimento de personalidades e grupos sociais cada vez mais anormais.

Para este autor, o fenômeno grupal adquire uma importância fundamental na crise de identidade já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que antes se mantinha

com a estrutura familiar e com os pais, especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo ressulta útil para as dissociações, projeções e identificações que ocorrem no indivíduo, mas com características que diferem das infantis. Depois de passar pela experiência grupal, o indivíduo poderá começar a separar-se da turma e assumir a sua identidade adulta. A utilização dos mecanismos esquizo-paranóides é muito intensa durante a adolescência e o fenômeno grupal favorece a instrumentação dos mesmos. "Quando durante este período da vida o indivíduo sofre um fracasso de personificação, produto da necessidade de deixar rapidamente os atributos infantis e assumir uma quantidade de obrigações e responsabilidade para as quais ainda não está preparado, recorre ao grupo com um reforço para a sua identidade".

O fenômeno grupal facilita a conduta psicopática normal no adolescente. "O acting-out motor, produto do descontrole frente à perda do corpo infantil, une-se ao acting-out afetivo, produto do descontrole pelo papel infantil que se está perdendo; aparecem então condutas de desafeto, de crueldade com o objeto, de indiferença, de falta de responsabilidade,que são típicas da psicopatia, mas que encontramos na adolescência normal". (1981, p. 37-38)

O adolescente passa assim por desequilíbrios e instabilidades extremas, apresentando períodos de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos. Knobel sintetiza as características da adoles

cência através da seguinte *sintomatologia* que ele denomina " A síndrome normal da adolescência": 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso ; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associais de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; dominada pela ação , que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (1970, p. 29).

2.2 - Configuração dos valores sócio-culturais

Os impactos dos meios físico, social e econômico são fatores importantes na perpetuação da cultura e do status de pobreza, mas há também padrões educacionais que se encarregam de prejudicar ainda mais as poucas oportunidades e perspectivas das crianças e dos jovens pertencentes a esta classe.

Poppovic (1972), considera que os termos *"carência"* e *"privação cultural"* muitas vezes utilizados para denominar a população marginalizada inadequados, pois dão a idéia de falta de uma cultura, quando isso não é a realidade, uma vez que as pes-

soas de camadas mais desfavorecidas possuem cultura própria e rica, mas que, naturalmente, não é a mesma cultura dos grupos dominantes da sociedade onde vivem e onde terão de competir. O mesmo se aplica à expressão *"deficiência cultural"*. O termo deficiência além de ter sentido pejorativo compara de forma negativa. O deficiente cultural "seria aquele que tem pouco daquela cultura que alguns estabeleceram como a melhor, a mais desejável e a mais satisfatória para todos". (Poppovic, p. 245) Portanto, ambos os conceitos pressupõem a existência de uma cultura dominante e normativa de classe média e a privação de algumas crianças de experiência com esta cultura. Sob este ponto de vista, a criança de classe média pode ser também deficiente cultural, privada em relação aos valores e experiências de outra cultura como, por exemplo, intimidade, cooperação e coragem, em contraste com a indiferença, competição e insegurança que predominam em sua cultura.

Tratando-se de um conceito relativo e não quantitativo *privação cultural* significa apenas privação de valores da classe média, não necessariamente de valores bons e férteis. O conceito não significa que a criança culturalmente privada tem um número menor de valores, nem que ela não pode ter outros valores e experiência que lhe sejam úteis.

A expressão mais adequada para indicar a condição que decorre da privação das mesmas oportunidades de desenvolvimento que a camada dominante da população considera ideais, é "marginalização cultural", "indicadora de um processo que está sendo sofrido e não de uma condição negativa degradante e estática". (Poppovic, p. 245) Ao escolher esta expressão Poppovic

pretende evitar uma atitude de superioridade, e principalmente de paternalismo ao se estudar ou se trabalhar com grupos desfavorecidos. Aponta pois a necessidade de serem estudadas as características, os valores e os componentes da cultura em questão e de se procurar os fatores pelas quais ela se diferencia da cultura dominante, conduzindo à descoberta dos problemas que os indivíduos provenientes de lares marginalizados enfrentam.

2.2.1 - A privação cultural e sua repercussão no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente

Segundo a experiência de Poppovic a inferioridade intelectual de crianças de pais que apresentam baixo nível educacional e sócio-econômico está presente desde a época em que iniciam o pré-primário. Tais crianças costumam apresentar vocabulário limitado, pobreza de articulação, dificuldades sintáticas e perceptuais, no sentido de que reconhecem menos objetos e situações do que a maioria das crianças da classe média.

A autora ressalta que, no momento em que uma dessas crianças sai do ambiente familiar e passa a freqüentar a escola, depara-se com uma instituição organizada, mantida e regida pela classe dominante, que possui padrões culturais bem diversos dos que lhe foram dados e que continuará a ter no seu ambiente. Inicia-se, então, para elas um processo de marginalização que é realizado inconscientemente, através do desconhecimento dos professores na grande maioria, pertencentes a classe média. Não percebem que estas crianças, muitas vezes, nem che-

gam a entender seus vocabulários e procedem como se os valores, idéias e costumes fossem os mesmos que os seus, principalmente com respeito à educação, à autoridade, aos castigos e recompensas, à competição, à cooperação e as ambições intelectuais. Ignoram características próprias desta população, tais como: estilo de pensamento mais direto, concreto e emocional . Outro fator marginalizante é o currículo que também ignora a necessidade dessas crianças, já que é organizado para alunos de classe média.

Sabe-se que existem determinados padrões de educar crianças transmitidas de pais a filhos dentro dos diversos grupos de população. Estilos de vida e modalidades adaptativas aprendidas de geração a geração nos primeiros anos de vida , transformam-se em expectativas regulares e maneiras relativamente permanentes de se adaptar ao mundo. Muitos desses padrões são eficientes para a adaptação em determinados grupos mas podem ser também prejudiciais, quando aplicados em situações de vida conjunta com outros grupos, que não participam das mesmas maneiras de pensar.

Uma caractetística que parece permear nos hábitos educacionais dos culturalmente marginalizados é o uso freqüente do "pensamento mágico" que pode levar a atitudes de passividade ou alienação. Evidentemente, tais atitudes têm raízes nos sofrimentos, frustrações e desapontamentos constantes a que essa população está submetida enquanto adulta; mas também é influenciado pelos padrões educacionais do mesmo tipo a que foi submetido na infância.

Poppovic ressalta que "o oposto do "pensamento mágico" seria portanto pensar em fazer alguma coisa para mudar a situação externa. Essa possibilidade, no entanto, parece ser tão extremamente difícil e de sucesso tão improvável que a tendência é permanecer na passividade, "torcendo" para que as coisas aconteçam, ou mesmo negando a realidade catastrófica até onde isso é possível. A fuga para a droga em muitos dos jovens marginalizados é também uma conseqüência desta recusa de encarar a realidade, devendo ser interpretada à luz destes mesmos mecanismos psicológicos. " (Poppovic, p. 246)

Outras atitudes características da criança marginalizada culturalmente foram apontadas por Poppovic como sendo a maior dificuldade de relacionamento com pessoas estranhas - evidenciada pela aproximação, em geral, muito cautelosa - e a falta de confiança na capacidade de estranhos satisfazerem suas necessidades. Isso traz, como conseqüência, dificuldade de adaptação social futura diante de meios culturais novos e leva estas crianças, quando adolescentes, a restringirem seu relacionamento ao grupo de iguais, fechando-se a contatos com jovens de outras camadas sociais.

As raízes dessas características também podem ser explicadas por hábitos educacionais na primeira infância. A mãe pobre, sobrecarregada emocional e fisicamente pelo esforço de atender suas próprias necessidades e as de sua família (em geral numerosa), tem muito menos tempo para estabelecer o tipo íntimo e constante de relacionamento mãe-filho, considerado comuns pelas mães de classe média. E a freqüente falta de um companheiro permanente priva-a ainda mais de um apoio emocional e econômico que poderia fortalecer seus esforços.

O tipo de relacionamento com a criança caracteriza-se então por uma atenção esporádica e instável, na realidade mais influenciada pelas necessidades afetivas da mãe do que do filho. Os papéis se invertem: a criança transforma-se em fonte de prazer para a mãe, quando ela necessita disso. A in

teração mãe-filho permanece unilateral,enquanto na criança vai-se formando a noção de que o ambiente não é uma fonte de conforto . O sentimento de confiança do bebê no meio que o rodeia diminui, à medida que não consegue obter uma atenção apropriada para a satisfação de suas necessidades afetivas.

Enfatizando esse comportamento está a crença de que "não se deve estragar a criança", de que "o mimo é prejudicial". A crença está certa; o problema se coloca na limitação do que seria "mimo" e do que seria "satisfação de necessidade" na quantidade indispensável para obter sentimentos de segurança, confiança e dependência nos adultos e no ambiente, em geral.

Acrescem-se a tais fatores as contingências que obrigam as mães a se ausentarem de casa para trabalhar, ficando as crianças pequenas ao encargo variável de uma irmãzinha, de uma vizinha ou de outra pessoa disponível. Essa mudança constante da figura materna acentua a dificuldade do relacionamento mãe-filho.

As crianças têm que fazer ajustamentos freqüentes a pessoas diferentes e, o que é mais importante, à maneira como tais pessoas as tratam.

Ritmos diferentes, diferentes maneiras de carregá-las, alimentá-las, trocá-las ou lavá-las, diversos graus de gentileza, de rudeza ou mesmo de indiferença criam cada vez maiores dificuldades à capacidade de adaptação.

A falta de um relacionamento contínuo com uma figura materna pode ser uma das causas das dificuldades posteriores

que a criança terá para estabelecer relações com pessoas. Esse menino ou menina será aquela criança que, aos 6 ou 7 anos, quando se machuca, entra em casa correndo e chorando, passa pela mãe e vai jogar-se na cama, onde se conforta sozinha. Dificilmente pedirá ajuda à professora, em aula. Mesmo se a mestra tentar chegar a ela, seu cepticismo fará com que submeta a professora a várias situações para testar suas intenções e, nessas provas, o adulto certamente sairá perdedor.

Mas há o reverso da medalha. As observações mostram que, devido justamente à falta de tempo e atenção individual, à quantidade de filhos e à falta de uma intensa relação pais-filhos, as crianças de ambientes pobres, que passam mais tempo com outras crianças ou com parentes, que precisam dividir com outros atenções e cuidados, não apresentam os problemas psicológicos das classes abastadas. Há menos individualismo, a superproteção é um quadro inexistente, a criança é mais cooperativa no ambiente familiar e aprende a dividir desde cedo com seus colegas. Os ciúmes e a competição desenvolvem-se muito menos, pois essas crianças têm menos tempo a perder. "Por isso, muitas das formulações clássicas da Psicanálise - como, por exemplo, o complexo de Édipo, aceito por muitos como fase universal do desenvolvimento infantil - deveriam ser revistas, ao se considerar as crianças culturalmente marginalizadas". (Poppovic, p. 248)

A criança culturalmente marginalizada para essa autora tem uma imagem negativa de si mesma. As ligações desse aspecto com suas experiências de infância dão-se logo no início de sua auto-percepção. Em geral, a pobreza de estimulação nos primei

ros meses de vida é bem grande. Os bebês ficam nos berços durante longos períodos, sem nada para olhar além dos tetos e paredes. A alimentação é, muitas vezes, dada por meio de mamadeira acomodada no próprio berço; sem pegar a criança no colo, a mãe priva-a de estimulações e outras satisfações preciosas nessa idade. Tais privações, além de interferir nos processos cognitivos, dificultam a formação da auto-percepção da criança, isto é, a progressiva diferenciação de sua individualidade, a constatação e consciência de si mesma. Com o passar do tempo, a auto-percepção surge; porém, devido às condições desfavoráveis - falta de estímulo e ajuda, falta de elogios, fracassos marcados com castigos -, a criança vai formando uma imagem de si mesma com características negativas. Em nada ajudam a televisão, as fitas de cinema e os outros meios de propaganda, aos quais está constantemente exposta, pois estes sistematicamente pressupõem que os produtos da sociedade de consumo são acessíveis a todos, menos a ela.

"Essa criança vê-se como um estranho, um observador de coisas que acontecem e não são para si, e sua auto-imagem negativa vai-se fortalecendo. Quando entra na escola experimenta enorme confusão, hesitações e frustrações, sem ter a capacidade verbal para articulá-las perante as rígidas expectativas acadêmicas. A frustração inerente à não compreensão, a não ser bem sucedido e a não ser estimulado sobrecarrega mais ainda a baixa avaliação de sua própria competência". (1972, p. 249)

E no entanto é uma criança competente no seu ambiente: é independente, sabe cuidar bem de si mesma nas difíceis situações de vida de rua, cria suas próprias diversões e brin-

UNIVERSIDADE CATÓLICA

quedos e enfrenta responsabilidades que apavorariam crianças de classe média. Competência que, infelizmente, não é aproveitada nem reconhecida no ambiente escolar e que, dificilmente, se transfere ao mundo não familiar dos livros, da linguagem e do pensamento abstrato.

2.2.2 - Padrões culturais e sua influência no desenvolvimento cognitivo e de linguagem

Um questionamento básico refere-se a influência dos contextos sócios-culturais e familiares na estimulação perceptiva, cognitiva e motora das crianças e jovens que vivem em condições desfavoráveis em relação às demais.

Poppovic afirma que a falta de diversidade, sobretudo, de simples objetos domésticos sem conteúdo de significação para a criança, aliada à impossibilidade de um treinamento individual impede as oportunidades de manipulação e organização das propriedades visuais do meio ambiente e, assim, prejudica o desenvolvimento da percepção e discriminação visuais, que, por sua vez, vão dar base para funções - como relacionamento figura-fundo e organização espacial - necessárias para a aprendizagem da leitura e da escrita. É certo que a criança pobre tem uma vassoura, qua-

se sempre uma bola ou uma boneca. Mas, certamente, não tem a variedade de formas, cores e tamanhos para manipular, que fazem parte dos mais rotineiros brinquedos da criança de classe média.

Relativamente à cognição, outro aspecto fundamental é o desenvolvimento da discriminação auditiva, que começa a atuar a partir do nascimento. O meio ambiente da criança culturalmente marginalizada, vivendo em condições de superpovoação, parece à primeira vista não pecar em estimulação auditiva. A atmosfera é barulhenta, há muita gente, gritos e vozes altas são comuns, o rádio, em geral, permanece ligado em alto volume o dia inteiro: mas nada disso constitui a estimulação auditiva ideal para o bebê e para a criança pequena. Na realidade, o barulho incessante como pano de fundo funciona mais como um ruído sem sentido, impedindo o reconhecimento de palavras e sons isolados. Nesse tipo de ambiente, a criança tende a isolar-se auditivamente, como medida de proteção contra uma superestimação incoerente. Passa a adotar um padrão de não ouvir sons ininteligíveis ou incompreensíveis, padrão que provavelmente se mantém, posteriormente, para a aprendizagem de palavras novas e aumento de vocabulário. Isso cria as condições ideais para o estabelecimento da falta de atenção - a chamada "distração". (1972, p. 250)

A desatenção, assim estabelecida como um padrão de reação, diminui a capacidade de resposta para outras estimulações que venham a surgir, ficando prejudicado todo o nível de reatividade para situações novas e, conseqüentemente, para aprendizagens.

A memória é outro fator cognitivo de alta importância para a aprendizagem. São os adultos que fazem para a criança a ligação do presente com o passado, através da comunicação verbal, recordando experiências acontecidas. Devido à fraca qualidade e quantidade de relacionamento verbal e às poucas atividades em comum, a memória também não é treinada suficientemente e a criança pobre tem um enfoque muito mais voltado para o presente, sentindo dificuldade em relacionar seqüências passado-presente, bem como em questões relativas à noção de tempo. Isso prejudica não só a possibilidade de se situar adequadamente no tempo em relação ao passado, como a organização que dará a seu próprio tempo nas diferentes atividades que terá de realizar.

Ainda com respeito à capacidade de aprendizagem, um fator também significativo é a expectativa de recompensa de qualquer tipo para uma realização, principalmente se esta for bem sucedida. Não havendo tal expectativa, a motivação para o início de qualquer tarefa fica reduzida, assim como o esforço para a continuação da atividade. Nos ambientes desfavorecidos, esse tipo de interação é quase inexistente: já nos lares de classe média, faz parte do comportamento comum dos pais fixarem uma tarefa para a criança acompanharem sua realização e , de alguma forma, darem aprovação ou algum tipo de satisfação quando a tarefa é completada. Se ela não for bem executada ou não for terminada, a criança recebe uma desaprovação, o que não acontece sistematicamente com a criança pobre.

Isso não significa que as mães de classe social baixa não dêem tarefas às crianças, nem as aprovem ou castiguem. Os ti

pos de tarefa é que diferem. Enquanto aquelas envolvem linguagem, comunicação verbal e processos conceituais no estilo das que são usadas na escola, as tarefas das crianças pobres tendem mais a ser ligadas a atos motores, de execução rápida, e relacionadas a objetos concretos ou a prestação de pequenos serviços.

Finalmente, atinente ao processo cognitivo, está toda a área do desenvolvimento da linguagem como processo simbólico, que ocupa papel preponderante em todos os níveis da linguagem. E a linguagem parece ser a área mais sensível ao impacto da multiplicidade de problemas associados com a privação de estimulação encontrada na criança culturalmente marginalizada.

O desenvolvimento da linguagem evolui através do simples processo de nomear corretamente as coisas do ambiente, através do uso apropriado das palavras para relacionar, combinar e recombinar os componentes concretos e abstratos na descrição, na interpretação, na comunicação das percepções, experiências e idéias. Inicialmente, para poder manipular o atributo das palavras e para associá-las a seus próprios referentes, a criança e o jovem devem estar expostos à comunicação verbal através de treino, identificação de objetos com correção, ouvir material verbal variado, observar o uso da linguagem adulta.

Não só isso não ocorre organizadamente nos ambientes pobres, como neles pode haver dificuldade de usar o adulto como fonte indispensável de informação. Em geral, o tempo livre do adulto é limitado, a família é grande, há pressão econômica crônica e o nível educacional é baixo. Os adolescentes margina

lizados se restrigem assim a uma aprendizagem de rua, através da interação com os companheiros com quem passam a maior parte do tempo.

Há portanto dois códigos gerais que o jovem aprende através de seu contato com o ambiente: um código de linguagem e um código de valores. Segundo Souza Patto (1975) é precisamente em relação a natureza destes dois códigos cruciais que o jovem marginalizado difere do jovem da classe privilegiada. O código de linguagem lhe oferece as categorias para a estruturação e comunicação de suas experiências e o código de valores lhe diz o que é importante em sua experiência e digna de atenção. "Num certo sentido, a linguagem torna-se a *janela* através da qual ele percebe a experiência e os valores determinam o que, em sua experiência ele deverá aceitar ou rejeitar". (p. 108)

De acordo com o trabalho realizado por Brasil Bernstein (1964) os códigos lingüísticos de estratos sociais diferentes regulam a seleção que o indivíduo faz daquilo que lhe está disponível na linguagem como um todo. Desenvolvem-se cedo e se estabilizam com o passar do tempo, desempenhando um papel importante na vida intelectual, social e afetiva da criança e do adolescente.

Há dois códigos de linguagem: o elaborado e o "restrito". No código restrito, o vocabulário e a estrutura sintática são extraídos de uma amplitude restrita de possibilidades, os elementos organizadores da linguagem são simples e há uma de-

pendência considerável de canais extra-verbais de comunicação, como os gestos, por exemplo. No código elaborado, o vocabulário e a estrutura sintática são estabelecidos a partir de uma variedade ampla de possibilidades, os elementos de organização de linguagem são complexos e há pouca confiança nos canais extra-verbais de comunicação: a mensagem deve ser dada através do próprio material verbal e nele procurada.

Em relação ao código de valores as diferenças também são nítidas de acordo com o estrato social do indivíduo e é através deste código relativo às classes mais desfavorecidas que a atual pesquisa concentra seus estudos.

2.3 - Formação da subcultura delinqüente

A "subcultura", segundo Cohen (1958), surge quando vários indivíduos têm problemas semelhantes de adaptação sem soluções institucionalizadas, e, não há grupos de referência alternativo em disposição que proporcionem respostas mais convenientes e sustentadas culturalmente. Estes indivíduos vão formar laços de simpatia e solidariedade, gravitando entre si, formando um novo conjunto de normas e expectativas. O resultado desta interação será uma nova subcultura elaborada coletivamente e criada, a partir das necessidades, problemas e circunstâncias comuns aos seus participantes.

Para Cohen, os grupos de referência seriam os grupos ou indivíduos cujas perspectivas, normas e padrões de conduta

assumimos e tornamo-las nossas, seria o grupo em que buscaríamos satisfazer relações humanas como aceitação, amor, ou popularidade. Estas relações funcionam como reforço, se estiverem de acordo, com as expectativas que são institucionalizadas nestes grupos; já as que se afastem do que é aceito pelo grupo conduzirá à alienação e ao isolamento gerando mais problemas, em vez de solucioná-los.

A classe dominante enfatiza a responsabilidade individual, e a aquisição de hábitos e atitudes acadêmicas, modos, cortesia, inibição da espontaneidade, habilidade para adiar as gratificações com o fim de alcançar objetivos planificacos. Estas normas são ensinadas pelos educadores e a classe operária tem que se adaptar. Os hábitos de educação da classe baixa se afastam deste modelo. Quando um jovem de classe baixa se compara com um jovem de classe média ele fracassa, porque não pode alcançar as expectativas de uma sociedade de classe média e, por conseguinte, o seu autoconceito se encontra desvalorizado. Os mesmos fatos que para um jovem de classe média significam possibilidade de triunfo e êxito, para os de classe baixa significam fracasso e frustração. Ocorre, então, que, os jovens que têm o mesmo tipo de frustração se reunem, constituem uma subcultura e por um mecanismo de "formação reativa", tendem a destruir aqueles valores da classe média que para eles significam frustrações mais constantes. Nesta situação, a classe média não é aceita como grupo de referência e, a subcultura, o bando, assume a função de conferir prestígio a seus membros , possibilitando uma maior valorização do autoconceito.

Miller (1958), em sua teoria interpreta a delinqüência juvenil em bando como adaptação da adolescência à cultura da classe trabalhadora. Seria um meio de alcançar status, condições e valores próprios desta classe. Assim, o envolvimento com situações perigosas, incluindo riscos de vida, constituem algumas das características da cultura desta classe que o bando de delinqüente exercita.

Cloward e Ohlim (1960) causaram grande impacto com a teoria da "oportunidade diferencial" que analisa a natureza das oportunidades existentes na sociedade e as limitações que os jovens encontram nas favelas e que determinam o tipo de comportamento desviado que aprenderam.

Em *Delinquency and Opportunity* estes autores sugerem que os adolescentes que formam as subculturas delinqüentes *internalizam* alguns objetivos da sociedade dominante, mas no entanto sentem incapazes de atingí-los de forma legítima, constituindo assim uma fonte de graves problemas de adaptação social. Concentraram a análise sobre três tipos fundamentais de possíveis adaptações: a criminosa, a conflitiva e a de abandono. Cada uma delas florescerá em determinados ambientes e, segundo a presença ou ausência de determinados traços.

Na subcultura *criminal* há uma relação entre gerações de delinqüentes na qual os criminosos mais velhos e experimentados treinam os mais novos no caminho do delito. O comporta-

mento criminal se caracteriza pelo roubo, pelo crime organizado contra propriedade, enfim, pelo delito lucrativo. Outro tipo de sub-cultura é a *conflitiva* que ocorre onde não há uma interação permanente entre os criminosos e onde, portanto, não existe uma doutrinação sistemática do delito. É o tipo que corresponde à descrita por Cohen: é violenta, negativa e maliciosa. Um terceiro tipo de sub-cultura é o que corresponde ao comportamento retraído na tipologia de Merton. É a sub-cultura de *abandono* onde a conduta consiste no uso de drogas e narcóticos.

Merton (1970) na sua teoria sobre estrutura social e anomia afirma que, quando uma sociedade tem como importante certos objetivos e valores e, ao mesmo tempo, certas classes e sub-culturas, tem dificuldade de atingí-los, pela falta de oportunidade, vão surgindo desvios de comportamento como função deste fenômeno. Donde se conclue que a cultura desviada é função da relação entre certos objetivos e valores culturais e a existência de meios institucionalizados para atingí-los, sejam estes legítimos ou ilegítimos.

Então, a teoria deste autor sobre as diversas formas de adaptação individual às pressões estruturais exercidas pelo sistema pode não apenas fundamentar a normalidade da delinqüência, enquanto revela as condições objetivas do sistema social que conduzem a esta forma de comportamento, como pode considerar este tipo de conduta divergente apenas uma forma particular de desvio dentro de um quadro geral de alternativas de adaptação marginal. Existe, portanto, para cada grupo de indivíduos, localizados em lugares específicos da estrutura social

e cultural, um número determinado de alternativas de adaptação individual às tensões produzidas pela própria organização do sistema coletivo. Como conseqüência o que o estreito limite de ação legal define como "crime" ou "delinqüência" é conceitualizado em sua teoria apenas como uma variedade de comportamento adaptativo.

Merton se detém portanto nas reações individuais de adaptação às tensões provocadas pelo desequilíbrio entre as estruturas sociais e culturais. Ela representa, uma análise estrutural ao nível da consciência individual. Isto quer dizer que, embora os diversos tipos de comportamento conformista ou divergente se expressem em termos de adaptação da consciência individual aos valores máximos da sociedade global, a teoria de Merton ocorre dentro de um prisma estrutural exatamente porque ela não esgota no nível da ação individual. Pelo contrário. O número de alternativas pelas quais o indivíduo pode optar é dado pelo mecanismo estrutural da sociedade.

"É mais importante; o tipo destas alternativas, oferecidos aos indivíduos está distribuída dentro de um quadro geral de estratificação social de tal forma que, dentro de cada escala social, para cada sub-grupo, há um número dado e limitado de adaptações possíveis". (1970, p. 213)

São distinguidos dois níveis da existência coletiva ; o nível da organização social, que determina as possibilidades efetivas de realização das aspirações dos indivíduos e dos grupos, e o nível da organização cultural, que determina precisamente o conteúdo das aspirações e dos valores que devem ser realizados. Há que, se distinguir também, no nível da organiza

ção cultural, dois níveis de valores; aqueles que se referem aos objetivos máximos, às aspirações mais altas dentro de um sistema cultural e os que se referem aos canais legítimos, aos meios culturalmente aprovados para realização desses fins. De um lado, temos os padrões de metas culturais e de outro, temos as normas institucionais para o alcance dessas metas.

Podemos então localizar duas possíveis causas estruturais de desequilíbrio responsáveis pela incidência significativa de comportamentos divergentes dentro do sistema global. Um foco de desequilíbrio encontra-se na relação entre a estrutura social e a estrutura cultural. A estrutura cultural orienta a consciência do indivíduo em direção a determinados objetivos e valores finais cuja realização é a medida do próprio significado da existência dentro do quadro cultural dominante. Mas os valores culturais, estão na ordem ideal e irreal da consciência ao passo que a organização social se localiza na ordem objetiva da realidade. Se a ordem social distribui igualitariamente a amplas camadas da população possibilidades efetivas de alcance das aspirações prescritas pela ordem cultural, então todo o sistema funciona, em ampla medida, equilibradamente. Mas um distanciamento profundo entre a ordem da consciência e a ordem da realidade pode provocar um estado de *anomia* com efeitos desintegrados na estrutura do sistema. "Na verdade, o comportamento aberrante pode ser considerado sociologicamente como um sintoma de dissociação entre as aspirações culturalmente prescritas e as vias socialmente estruturadas para realizar essas aspirações". (1970, p. 236)

Um segundo foco estrutural de desequilíbrio, intima-

mente associado ao primeiro, se localiza nas relações entre os níveis das metas finais e das normas institucionais dentro da ordem cultural. Uma cultura deve atribuir a mesma ênfase emocional tanto às aspirações finais a serem alcançadas quanto às normas legítimas a serem percorridas na direção desses objetivos.

2.3.1 - Fatores psicossociais associados à delinqüência juvenil

A origem e a etiologia da delinqüência juvenil é complexa. Não se admite,hoje em dia que exista uma causa única ou um grupo básico de determinantes.

Como resultado de diversas investigações realizadas a esse respeito, apresentaremos as relações das principais características que interagem para a formação do jovem delinqüente, segundo Kavaraceus (1960).

Características Pessoais

(Baixos índices de aptidão escolar ou de inteligência verbal, que exigem abstração, concentração, persistência)

- Disfunções e perturbações emocionais:
  Superego identificado com delinqüência e falta de interiorização de um sistema de valores
  Forte afirmação de si mesmo
  Alto índice de rebeldia, desafio
  Ofende-se facilmente
  Atitude ambivalente com respeito às autoridades
  Impulsividade
  Padrão de alta ansiedade no delinqüente neurótico
  Hostilidade e ressentimento fáceis

Muita desconfiança com respeito à autoridade
Agressão aberta e retaliativa
Agressão não socializada
Labilidade e/ou impulsividade emocional
Egocentrismo e auto-indulgência
Alto grau de sugestibilidade
Baixa tolerância de frustração
Necessidade de aventura
Tendência psicopática moral
Forte tendência hipomaníaca
Baixo padrão neurótico no delinqüente socializado com superego deficiente
Baixo autoconceito: "não valho nada" ou "menos que nada".

Além dessas características pessoais, foram também observadas outras ligadas à família, vizinhança e escola. Nota-se com freqüência a existência de normas sociais contraditórias no lar, sendo a disciplina demasiada rígida, punitiva, caprichosa e frouxa em conseqüência da freqüente ausência da figura paterna e da orientação materna inadequada.

As dificuldades nas relações interpessoais no lar e/ou na vizinhança, repercutem nas atividades escolares, acarretando problemas a nível motivacional, tais como a não participação de atividades escolares e extracurriculares voluntárias acompanhado de comportamento indisciplinado.*

Noshpitz (1960) concorda que exista muitas variáveis dependentes e independentes, fisiológicas, familiares, culturais e sub-culturais que possam levar os jovens à atitudes anti-sociais. Considera entretanto que três fatores são de parti

---

* FONTE: Kvaraceus (1960), baseado em Glueck e Glueck, 1950; Healy e Bronner, 1936; Kvaraceus, 1945; Merril, 1947, Sheldon e outros, 1949, e Wattenberg, 1947.

cular relevância: a superestimulação , a supergratificação e a superprivação.

A superestimulação está associada à "fome de sensações" do adolescente. Os jovens gostam de sentir intensamente as coisas, de experimentar novas sensações. Espera-se que tal desejo encontre normalmente saída através de canais socialmente adequados, proporcionados pela cultura: práticas esportivas, festinhas, movimentos sociais ou para-sociais, organizações religiosas, canais educacionais, etc. Nem sempre, todavia, estes são adequados ou suficientes. A verdade é que deixam amiúde de proporcionar aos jovens as sensações de emoção, perigo e excitação de que necessitam. Por outro lado, uma história de superestimulação prolongada e significante tem sido muitas vezes descoberta no passado de adolescentes anti-sociais. Parece que certas experiências precoces tendem a desenvolver uma grande necessidade de excitação na criança, e essa avidez em sentir intensamente as coisas talvez esteja por trás da conduta delinqüente. Um ego imaturo, pouco hábil em manejar uma grande carga de excitações durante a infância, acabará por construir, segundo Noshpitz, "um conjunto de técnicas calculadas para manter um suprimento de sensações com o qual se acostumou . Esta tendência, então, estará já bem desenvolvida quando a fome normal de sensação surgir na adolescência. E desta combinação podem resultar sérias complicações".

A supergratificação refere-se igualmente a experiências que podem começar durante a infância, marcando o ego do indivíduo, e à interação do ego afetado com um conjunto de traços característicos da adolescência. A criança supergratifica-

da habitua-se a conseguir praticamente tudo o que deseja. Acostumada a obter o que quer desde os primeiros anos de vida, ao sofrer as pressões da puberdade, pode ocorrer que comece a tomar coisas e a atirar fora coisas numa escala bem diferente da anterior... E de repente podemos estar diante de um padrão de delinqüência manifesta.

O terceiro fator a que se refere Noshpitz, a superprivação, é o que mais freqüentemente tem sido explorado na literatura especializada. Envolve o conceito de rejeição pelos pais e os efeitos negativos que esta produz, no desenvolvimento infantil. O caso mais extremo encontra-se na criança que cresce "num lar primitivo, marcado pela miséria, no qual pais narcisistas são incapazes de dar (ou não querem dar) até mesmo refeições regulares ao filho, quanto mais interesse e afeição - de modo que, conseqüentemente, a criança cresce revoltada e se sente plenamente justificada na sua hostilidade e desconfiança, solidificadas desde praticamente o nascimento. O resultado essencial disso tudo é... uma convicção de que não pode obter o que deseja na vida, certamente não de modo honesto, reto - e possivelmente de nenhum modo. Não se pode confiar nas pessoas responsáveis, cada um só sabe ver as coisas a partir do ângulo de seus próprios interesses, todo o mundo é egoista". Chegada a adolescência, a jovem vítima de superprivação pode ampliar a crença de que "os pais não ligam" para a crença de que ninguém se incomoda, de que todas as pessoas são egoistas. Segundo Noshpitz uma infinidade de generalizações desse tipo emergem : não se pode confiar em ninguém, há um pouco de ladrão em cada ser humano, é só uma questão de quem chega a ser apanhado, e

assim por diante. Tais generalizações servem como racionalização do comportamento anti-social e também como modos mais gerais de construir um estilo de vida, de relações sociais, de percepção da realidade, de ajustamento geral do comportamento. Para tal tipo de adolescente, a "quadrilha" (*gang*) emerge naturalmente como modo de satisfazer às necessidades emocionais de segurança. A *gang* é sua nova "família", com novos costumes,que melhor se enquadram no seu novo estilo de vida.

Talvez em casos mais severos de delinqüência juvenil, os três fatores assinalados - superestimulação, supergratificação e superprivação - estejam operando simultaneamente. Tais casos originar-se-iam de meios nos quais a criança experimentou "prolongada superestimulação sexual e/ou sádica, privação emocional significativa e falta real de limites adequados". (Noshptiz , 1960, p. 97-114)

Segundo a interpretação psicanálitica o delito seria uma reação afetiva originada por conflitos inconscientes infantis. As diversas situações da relação com os pais é que levam a ocorrência da conduta anti-social. Analisaremos aqui alguns destes principais fatores:

a) A perda, a separação ou a desvalorização afetiva do genitor. A ausência da mãe causa perturbações afetivas que levam à inadaptação social do menor , porém, é a falta do pai, que seria a fonte mais intensa na produção da personalidade delinqüente. Segundo a Psicanálise, a figura paterna representa para o menino as restrições próprias das socieda

des civilizadas. Para viver bem na comunidade o menino deve reprimir e transformar tanto o seu instinto sexual como sua agressividade. O super-ego do menor é resultado, em grande parte, da identificação com o pai. Quando a figura paterna está ausente pode se produzir uma debilidade no superego, ocasionando uma desordem nas tendências instintivas. O mesmo ocorrerá se houver desvalorização da figura paterna frente a auto-estima do filho. Consideremos, ainda, o caso em que o menor substitua o pai, não conhecido ou desaparecido, por uma figura paterna imaginária, com a qual vai tratar de se identificar. Dentro desta situação, o menor vai atuar assumindo um papel de poder e autoridade. Como nesta atividade não ocorre a regulação repressora que existiria se houvesse um pai real vai se produzir uma desordem instintiva , sem distinção de atos sociais permitidos ou proibidos. (A. Freud , 1976)

b) Clima ético da família. Como o código moral do menor é resultante da identificação com seus pais e, se estes praticam comportamentos anti-sociais o menor terá um estilo de vida semelhante.

c) O conflito edipiano. A não resolução do conflito de Édipo seria a vertente mais importante da conduta anti-social. Isto porque quando a situação familiar não permite a superação satisfatória deste

problema e o estabelecimento de uma relação amistosa com o pai, vão se originar conflitos que podem gerar: medo excessivo ao pai; uma fixação passivo-feminina do menor frente ao pai ou à delinqüência neurótica.

d) Primeiras experiências infantis em relação com a mãe. A Psicanálise dá ênfase na importância dos transtornos afetivos da criança com a mãe, na fase oral. Há numerosos casos de delinqüência que resultam da fixação inconsciente da personalidade da criança nesta fase.

e) Disciplina defeituosa. Queremos dizer com isto que no estabelecimento da relação afetiva entre pais e filhos, os primeiros submetem o menor a um regime de vida em que há contradições entre excessiva severidade e liberdade descontrolada. Esta atitude ambivalente dos pais vai reforçar algumas tendências instintivas e ao mesmo tempo frustrar radicalmente, outras.

2.4 - A inter-relação dos valores e do autoconceito no jovem infrator

Como foi dito anteriormente, determinados padrões ambientais e culturais influem na formação das atitudes bem como no desenvolvimento cognitivo e da linguagem de determinadas camadas da população.

O autoconceito do jovem infrator recebe igualmente influência dos valores pertencentes ao seu meio sócio-cultural . Considerando que a problemática do jovem infrator decorre de situações específicas vividas e experimentadas no seu ambiente e das condutas de adaptação apresentadas, ela também se relaciona de maneira direta com a elaboração de seu autoconceito.

O padrão de vida que o jovem de classe baixa dispõe , desencadeia comportamentos bem diversos do jovem pertencente à classe dominante, principalmente com respeito a costumes , idéias e valores como: honra, sinceridade, justiça, competição, moral, religião, cooperação, etc. que apresentam características próprias e interferem na relação inter-pessoal dos indivíduos do grupo.

Taba (1960) realizou uma pesquisa sobre a convicção moral de adolescentes normais americanos, utilizando questionários e entrevistas para explorar as atitudes dos jovens sobre a lealdade, amizade, honestidade, a coragem moral e a responsabilidade. Os resultados indicaram que tais jovens concebem a amizade predominantemente no sentido de ser afável, acomodar-se a todos, ser popular e ter muitos amigos. Evitam assumir posições que os afastem das crenças adotadas pelo grupo de companheiros e por temor a rejeição concordam em seguir o grupo , mesmo que a ação deste seja condenável.

Esta pesquisa confirma, assim a importância de se internalizar os padrões do grupo para se obter reconhecimento social entre os companheiros.

O ser humano, na maioria das vezes, é seletivo no que diz respeito às suas relações inter-pessoais, buscamos no ou-

tro, situações que nos sejam bastante favoráveis e elogiosas ; buscamos fazer amigos porque entre eles termos a possibilidade de manter alto o nosso autoconceito. A amizade, segundo Whitaker (1977), seria "uma sociedade de admiração mútua", porque cada pessoa na relação ajuda a outra a manter elevado o seu autoconceito. Pode-se ir mais adiante dizendo que a própria estrutura da sociedade, qualquer que seja, serve como apoio aos cidadãos com o objetivo de elevar o nível geral do autoconceito e que cada cidadão coopera, de algum modo, para que isto ocorra.

Os jovens em geral sentem uma forte necessidade de se identificar com o grupo de iguais a fim de obter apoio e segurança. Esta tendência se torna ainda maior quando se trata de adolescentes institucionalizados, provindos de lares desestruturados, de baixa renda e carentes afetivos.

Numa tentativa do jovem ter reconhecimento de seu valor pessoal, de acordo com as características psico-culturais, adere ao "bando" como um mecanismo de adaptação às suas necessidades internas. A ênfase em valores como a esperteza, a admiração pela força, o poder físico e o machismo acentuados se tornam fatores importantes para a adaptação destes jovens dentro de seu sub-grupo social e respondem pelas condutas anti-sociais e de transgressão ao código social dominante.

A adesão aos valores do bando traz segurança ao Eu de cada um e tem simultaneamente um efeito particularmente marcante sobre o autoconceito.

Estudando o problema da deliqüência nas favelas, Le-

bret e outros (1960) assinalam que os malandros são temidos mas, ao mesmo tempo, admirados pelos menores e também por muitos adultos das favelas estudadas: "falam neles como se fossem ídolos... Citam, com certo orgulho, nomes de malandros famosos ... Todas as favelas têm seus heróis sinistros... delinqüentes |que|, na maioria dos casos, são adolescentes". (p. 35) Segundo os mesmos autores, "a malandragem, na favela, não é apenas uma atividade episódica, é também uma carreira e, como tal, constitui, para as crianças e adolescentes, uma opção, um ideal de vida e um valor social... Quando um malandro de fama chega à favela, a notícia corre, todos comentam e ficam aguardando seus feitos . As crianças, mais que os adultos. 'Homem é aquele'. Porque, explica-nos um morador 'para as crianças, ser homem é ser como os malandros' (Lebret e outros, 1960 b, p. 20) É importante para o jovem adolescente a existência de um grupo de referência que estipule determinados valores que irão guiar sua conduta. O autoconceito tenderá a ser mais elevado, na medida em que se adapte aos padrões de conduta assumidos pelo grupo de referência.

Autoconceito e auto-estima

A auto-estima é considerada como o aspecto avaliativo do autoconceito, ou seja, é definida como um traço de personalidade que diz respeito ao valor que o sujeito atribui à sua própria pessoa. A nossa tendência é buscar em terceiros a manutenção da auto-estima em grau relativamente alto, de maneira que nos sintamos felizes conosco mesmo. Este sentimento surge de percepções tais como: a) eu sou importante para mim b) eu sou importante para o outro c) o outro é importante para mim.

Se partirmos para uma análise de cada situação apresentada, veremos que para o item a, variáveis tais como aparência física, capacidade mental, habilidades, aptidões, saúde, serão algumas, dentre as fundamentais para a manutenção de um bom nível de auto-estima. Se considerarmos o item b e c variáveis de natureza social, como amor, papel, status, atitude, amizade , preconceitos, situação e aceitação familiar, situação escolar , trabalho, meio social, posses e até idéias, serão variáveis relevantes segundo Whitaker (1977).

De acordo com Esposito e Chagas Cruz (1972) o autoconceito de jovem adolescentes se relaciona com prestígio entre colegas, nível sócio-educacional e inteligência. A posição de prestígio da pessoa influencia o seu autoconceito e o seu comportamento.Ao mesmo tempo, é através deste que ela vai atuar no grupo para granjear prestígio e afirmação. Uma vez que o jovem tenha uma reputação estabelecida, é em função dela que os colegas tendem a avaliar sua posição no grupo.

O prestígio do indivíduo dentro de seu grupo social , embora seja um fator importante durante toda a vida, tem um efeito particularmente marcante sobre a auto-imagem do adolescente.

Poe (1975) apresentou um trabalho muito interessante sobre autoconceito e o comportamento de imitação. Seus resultados indicam que sujeitos com baixo autoconceito usam mais do comportamento de imitação do que os sujeitos com elevado autoconceito ; observou ainda que os sujeitos com baixo-conceito imitam mais os modelos competentes do que um modelo-par (companheiro); e que há uma tendência geral na direção de imitar mode

los competentes mais do que modelo -par, mesmo entre os sujeitos de elevado autoconceito. Poe chama atenção para a importância das características relevantes de personalidade que podem ser usadas como variáveis modeladoras do comportamento de imitação.

Costa (1978) procurou estabelecer os aspectos básicos para a apuração de auto-estima. Após ter analisado os fundamentos de várias escalas de medida desta característica, destacou cinco aspectos: *a percepção corporal* pois, segundo pesquisas realizadas, existe uma grande correlação entre a auto-estima de uma pessoa e como ela percebe a aparência de seu corpo; *a capacidade de iniciativa para solução de problemas*, devido ao fato de que se uma pessoa ao deparar-se com um problema, tenta avaliá-lo e encontrar uma solução, estará assim evitando uma frustração. Isso implica em auto-avaliação, necessária à auto-estima, visto que uma pessoa que não consegue reagir quando inserida numa situação-problema, automaticamente se desvaloriza, o que resultará numa diminuição de sua auto-estima; *o desempenho profissional*, uma pessoa que se sente realizada profissionalmente possui alta auto-estima, e aquela que se sente insegura em tomar decisões no trabalho ou não o valoriza positivamente, terá uma baixa auto-estima.

Os dois últimos aspectos estabelecidos pela autora foram a *aceitação do eu* e a *percepção social do eu*. Se uma pessoa se aceita como é, ou seja, suas atitudes se coadunam com seus pensamentos, havendo compreensão do tipo de procedimento adotado com relação a uma determinada situação, isto será indicador de alta alto-estima; se, ao contrário, o indivíduo não se encon

tra satisfeito com seus procedimentos ou pensa que gostaria de ser uma pessoa diferente da que é, isto denota baixa auto-estima.

E ainda sobre a percepção social do "eu": se o indivíduo atribui grande importância à valoração que os outros dão à sua pessoa, se tem necessidade de aprovação e concordância pelos demais dos seus pensamentos e atos, isto reflete sua baixa auto-estima.

Verifica-se assim, que a auto-estima deve ser encarada levando-se em conta o aspecto básico da busca de compreensão pelo indivíduo de si e do mundo externo, responsável pela aquisição e manutenção e do auto-respeito.

Auto-aceitação e auto-rejeição

O indivíduo que se aceita a si próprio apresenta uma avaliação de seus recursos combinada com apreciação do seu valor, tem suas próprias convicções sem se escravizar à opinião dos outros e conhece suas limitações. São indivíduos que têm auto-estima em grau razoável com tendência a elevá-la ou baixá-la segundo às situações.

O indivíduo que se rejeita apresenta atitudes de auto-reprovação, auto-diminuição, falta de confiança em si, sentimento de menos-valia, de não merecer as satisfações e êxitos que obtem. Inclui severos sentimentos de culpa com aspectos de condenação eterna. Outra característica é uma severa auto-crítica. Usam muito do mecanismo de projeção no sentido de que atribuem a outros atitudes de desaprovação em relação a si

próprio.

Um dos sintomas de auto-rejeição é se apresentar auto destrutivo envolvendo-se, constantemente, em dificuldades, correndo risco de ser punido ou de ser atingido por uma desgraça. Trágico, ainda, na rejeição de si próprio é agir de modo que os outros confirmem a má opinião que tem de si próprio. É seu próprio inimigo. Apossou-se de toda má qualidade de sua hereditariedade e da aspereza do seu meio ambiente, agregando a tudo isto o fato de que tudo é culpa sua e de que ele não presta.

Freud distingue o *eu consciente* ou *eu real* do *eu ideal*. O *eu real* compreende atitudes conscientes que podem obedecer a um continuum desde a auto-aceitação à auto-rejeição, convicções à respeito do seu valor ou da sua falta de valor. O *eu ideal* estaria ligado ao que o indivíduo desejaria ser, que poderia ser, que pensa que poderia ser, ou, o que está tentando ser; constitue assim a soma total das idéias de uma pessoa a respeito do que gostaria de ser em oposição ao que ela é.

A expressão "idealização do eu" significa um sistema de idéias e atitudes irracionais em relação ao eu e se torna uma forma de auto-diminuição quando o indivíduo apresenta "idéias fixas" irracionais, ou usa mecanismos de defesa sem reconhecer que os está usando. Pode assumir a forma de considerar uma fraqueza como uma fortaleza ou pode mascarar qualidades admiráveis com fraquezas auto-impostas.

É do contraste entre a percepção do ego real e a representação do ego ideal que surge uma "tensão narcísica" que só será reduzida quando houver a percepção do ego real de acor

do com a representação do ego ideal.

Smith (1975) observou que há relação significativa entre as variáveis - privação de valores essenciais e comportamento auto-destrutivo. Os padrões de comportamento afetivo que descrevem a personalidade tipicamente auto-destrutiva ocorrem com grande freqüência entre sujeitos que exibam alto nível de privação de valores essenciais.

Alguns autores concordam que as pessoas se comportam, via de regra, de maneira compatível com o conceito que fazem de si mesmas, isto é, com seu autoconceito (Maslow, 1968; Rogers, 1970). Assume-se que o autoconceito embora não seja algo estático, tende sempre para a consistência, para um todo organizado. Desta forma, as pessoas tendem a agir de forma consistente com a percepção que têm de si. Por exemplo, o adolescente que se julga realmente um delinqüente, evitará comportamentos sociáveis, da mesma forma como evitará demonstrar atitudes altruísticas. Tais comportamentos e atitudes seriam dissonantes com sua autopercepção. De acordo com este princípio, qualquer mudança que se queira obter no comportamento das pessoas, deve ser precedida de uma mudança no seu autoconceito. Há nas pessoas resistência a experiências incompatíveis com seu "self", uma vez que são vistas como ameaçadoras. Havendo uma tendência para a consistência, tudo aquilo que "a priori" parece inconsistente com sua maneira de ser, pode levar o indivíduo a uma posição defensiva. O desconhecido pode representar uma ameaça ao conceito que ele faz de si. A resistência à mudança é uma forma de que as pessoas encontram para proteger o seu autoconceito.

A idéia defendida por Rogers é que, nas relações interpessoais seladas pela congruência, pelo apreço e pela compreensão, as pessoas se sentem livres de ameaças e se permitem experimentar novas vivências, inclusive aquelas que são incompatíveis com o seu autoconceito. Este clima de aceitação, isento de competição, é que permite mudanças no comportamento e nas atitudes que o indivíduo tem para com os outros e para consigo e, em especial, mudança da auto-estima.

Ainda de acordo com o princípio acima exposto, vale salientar os estudos de Dinkemeyer e Dreikurus (1963), que chamam a atenção para a importância do encorajamento sobre o desempenho do jovem enfatizando, ainda o papel que o sucesso representa sobre tal processo. Criar situações nas quais o jovem tenha grande probabilidade de se sair bem é, conforme afirmam esses autores, uma forma vigorosa de encorajamento. É importante levá-lo a acreditar em si mesmo, a descobrir o seu potencial, e para isto é necessário que se sinta livre e apoiado para explorar os seus limites, tal como se propõe nos programas baseados em princípios da Psicologia Humanística.

Com base nos princípios expostos, supôs-se que, se os jovens e crianças que vivem internos em instituições de amparo encontrassem um clima livre de ameaças, no qual se sentissem aceitos, compreendidos e valorizados e onde predominasse espírito cooperativo, tenderiam a manifestar mudanças positivas nos seus comportamentos para com os outros e nas suas atitudes para consigo mesmos, especificamente, no que se refere à auto-estima.

2.4.1 - O Autoconceito do Adolescente Institucionalizado

O adolescente que se encontra separado da família e institucionalizado adquire um modelo peculiar de comportamento decorrente de vivências específicas no mundo da Instituição . Este jovem não possui uma casa com espaço próprio e delimitado onde possa colocar seus pertences, mas deve sempre partilhar seu espaço com outros colegas iguais a ele. Está constantemente submetido a normas disciplinares rígidas impostas, ora submetendo-se, ora descarregando sua agressividade intempestivamente.

É um jovem que carece de oportunidade para desenvolver sua individualidade, não contando com uma estrutura familiar que dê apoio e assim vivencia a crise natural da adolescência sem a estabilidade dos vínculos afetivos de seu grupo de origem.

O adolescente institucionalizado apoia-se nos funcionários da Instituição como elementos de ligação entre a sociedade e a Instituição. As vezes estabelece laços afetivos, identificando-se com eles, outras rejeita-os e os agride.

Percebe o Inspetor como um instrumento de controle da Instituição, um representante de padrões da classe média . É através dele que os menores observam mais de perto todas as novidades, costumes ou modismos. Podem também se vincular com certos funcionários para aumentar seu "status" social e adquirir prestígio com os colegas, criando situações de "peixinho

do Sr. Fulano" como eles mesmos denominam. Este vínculo decorre de uma imensa necessidade de poder avaliado positivamente por "outros significantes" para valorizar o autoconceito. No processo de formação do autoconceito, ocupa papel de destaque a aprendizagem dos significados simbólicos que a criança faz , especialmente a partir da interação com os "outros significantes". (Purkey, 1970)

A fim de melhor compreender tal problemática é de se notar que tal interação se estabelece através dos contatos diários da criança com sua família. Os pais, em especial, são para a criança os "outros significantes", uma vez que estão nas mãos deles o poder e o controle e, em conseqüência, a aprovação e a recompensa ou a reprovação e o castigo. E é através deste jogo de prêmios ou castigos, de aprovação ou reprovação que os "outros significantes" vão influindo sobre o autoconceito da criança. Esta influência também se dá através da rotulação explícita. A criança aprende desde cedo a se ver como uma "menina bonitinha" ou como um "menino impossível", dependendo daquilo que os outros que ela valoriza lhe atribuem. Uma criança que é rotulada como "alguém que não tem jeito", como um fracassado, tenderá a sentir-se como tal, isto é, como alguém que não tem valor, se as pessoas que ela considera importantes assim a avaliarem.

Quando se trata de jovens institucionalizados, o desafio ainda é maior. A despeito de todos os esforços que possam ser feitos no sentido de lhes oferecer boas condições de vida a situação em que se encontram é particularmente crítica: eles carecem de interações intensas e constantes com "pessoas

significantes" para eles. E, se é verdade que estas interações ocupam lugar de destaque na formação da auto-estima, mais evidente parece ser o fato de que sua ausência pode ter conseqüências sérias.

Tomando-se por base a afirmação de Maslow (1968, p. 235), segundo a qual a "auto-estima sadia se baseia não só na aprovação dos outros, mas também nas realizações e êxitos concretos e na auto-confiança realista que daí resulta", pode-se supor que, na ausência de interação com pessoas importantes para o jovem, ele tenderá a se auto-avaliar a partir das suas realizações. Ora, se um jovem só conhece o fracasso, será a partir desta informação que ele irá construir a sua auto-estima. Os sentimentos de inadequação, de não merecimento de amor e aprovação que surgem em função das rejeições sociais devem agravar ainda mais sentimentos de inferioridade, quando existentes. É de se esperar que essa experiência do fracasso concorra ainda mais para diminuir no jovem institucionalizado a sua auto-estima.

Jovens que se encontram num ambiente que não lhes permita conhecer experiências agradáveis, possivelmente apresentarão conseqüências negativas no seu comportamento. Há evidências de que as pessoas que vivenciam experiências agradáveis tendem a canalizar o seu comportamento para uma direção positiva e que esta disposição se traduz nas atitudes que têm para consigo mesma e para com as demais pessoas e em relação às experiências desagradáveis, ocorre exatamente o contrário.

Pesquisa realizada pela equipe técnica da FUNABEM

(1978) vem reforçar os referidos fatos ao constatar que os menores carentes ou carenciados - "aqueles que, em virtude do não atendimento de suas necessidades básicas e da ausência ou incapacidade dos pais ou responsáveis, se encontram em situação de abandono total ou de fato, estão sendo vítimas de exploração" . (FUNABEM, 1978, p. 21) - evidenciavam em grau muito elevado de agressividade, carência afetiva, insegurança e percepção distorcida da realidade imediata.

A partir desses dados poder-se-ia supor que um menor carente que se encontra institucionalizado e que vivencia, com freqüência, experiências negativas, sendo despojado dos seus valores, cerceado em sua liberdade e tolhido nas suas iniciativas, acabará por ter uma atitude negativa diante de si, julgando-se como alguém que não tem valor, como alguém que realmente "não tem jeito". A auto-estima desse aluno virá a ser então, um reflexo de todas estas experiências. Foram encontrados dados da pesquisa de (Esposito e Cruz, 1972) indicando que os alunos de nível sócio-econômico baixo - como é o caso dos menores institucionalizados - têm realmente um nível baixo de auto-estima.

Scarpitti (1971), nos EEUU, fez um trabalho sobre o delinqüente juvenil e a sua percepção de valores e oportunidades dentro da sociedade. O objetivo de Scarpitti era responder às pesquisas, de natureza sociológica, que mostram a delinqüência juvenil como produto do meio, não considerando os fatores psicológicos. A conclusão a que chegou foi que a auto-estima - fator essencialmente psicológico - é variável relevante na situação. Os jovens institucionalizados por conduta anti-social apresentaram baixo grau de auto-estima. Esta variável, segundo Scarpitti,

influenciaria a percepção de valores e as possibilidades de acesso à oportunidades.

Com base no trabalho acima, Cardoso (1977) fez uma pesquisa sobre o grau de auto-estima comparando jovens institucionalizados e não institucionalizados e não comprovou os resultados de Scarpitti. O grupo de sujeitos institucionalizados apresentou estatisticamente média mais alta do que a do grupo não institucionalizado, no que se refere a auto-estima.

Partindo destes resultados Cardoso (1979) elaborou uma segunda pesquisa que demonstrou que o jovem com baixo grau de auto-estima pode mascarar sentimentos de menos-valia, através de mecanismos de defesa, assumindo características comportamentais de super-valorização próprias do sujeito com elevado grau de auto-estima.

Johnson e Ryders (1981), compararam os efeitos de três programas de ensino, baseados em experiências de aprendizagem cooperativa, competitiva e individual sobre o sentimento de auto-estima. Os resultados indicaram que os alunos submetidos a condições cooperativas obtiveram maior mudança na auto-estima que os alunos sob as demais condições.

De acordo com Piaget (1973), o pleno desenvolvimento da personalidade consiste em formar simultaneamente consciências livres e indivíduos respeitadores do direito e das liberdades de outrem, sendo a personalidade "ao mesmo tempo contrária à anarquia e à coação, porque é autônoma e duas autonomias só podem alimentar entre si relações de reciprocidade". (1973, p. 60).

Ao se admitir que a personalidade a ser desenvolvida deve ser contrária à coação, não se está negando a importância do estabelecimento de regras e de normas. Afinal, elas fazem parte da vida social. Quando uma instituição de amparo ao menor estabelece normas e instala rotinas, está não só organizando sua forma de ação, como também, preparando o aluno para viver em sociedade. A repressão, porém, é inteiramente contrária ao desenvolvimento sadio da personalidade e, segundo Garcia (1979, p. 83), grande parte das instituições que assistem ao menor pauta seu código disciplinar por normas bastante opressivas, fazendo com que o cotidiano da criança seja permeado de "repressões e restrições".

Guerra (1978) afirma também que, até quando se programam atividades procurando incentivar nas crianças e jovens um sentimento de responsabilidade ou elevar-lhes a auto-estima, estão presentes práticas coercitivas. Ouvem-se, então comumente frases como esta: "É preciso que ele aprenda a obedecer". E o referido autor acrescenta que este é o modo de pensar de muitos diretores de instituições de amparo ao menor , no Brasil.

É importante reconhecer que, apesar dos esforços de algumas instituições no sentido de propiciar as melhores condições de vida aos jovens carentes, a própria Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) que é o órgão que traça a política nacional do menor, é a primeira a reconhecer que o jovem só deve ser separado da família quando não existe outro meio de assistí-lo e que o "melhor internato não se compara ao lar mais modesto" e deve ser o último recurso a ser utili-

zado". (FUNABEM, s/d, p. 4)

A ausência de interação com pessoas significantes aliada ao despojamento da individualidade, pela padronização e pela repressão são aspectos que vêm se transformando num verdadeiro desafio para os que se voltam para o estudo do menor institucionalizado afastado da família.

Consciente de toda esta problemática a FUNABEM propõe-se atualmente a implantar novas diretrizes da política do bem-estar do menor (1971), com vistas a ressocialização do jovem. Os menores infratores assim como os abandonados são tratados mais como seres "imaturos", que necessitam de orientação . Trabalham livremente nas oficinas, nas salas de aula, participam das práticas esportivas e das atividades lúdicas e sociais.

A atuação planejada da equipe de psicológos, médico-clínico, psiquiatra e educador visa a levar o menor a uma reformulação de seus valores e aspirações vitais que contribuem para o fortalecimento de uma nova estrutura de personalidade. Portanto, todas estas oportunidades de realizar tarefas de responsabilidades são importantes para que estes jovens adquiram uma maior confiança em suas ações e conseqüentemente um autoconceito mais positivo.

2.4.2 - Os conceitos de Ego e Self

Muitos foram os autores que se preocuparam em tentar uma conceituação dos termos "ego" e "self". No presente trabalho procurou-se analisar mais detidamente algumas posições teóricas a este respeito ligadas à estruturação do autoconceito.

Para Super (1966) o "Self" é o resultado da interação entre o processo de crescimento e desenvolvimento pessoal e social e a interação do indivíduo com as pessoas que o cercam. O "Self-concept" é como a pessoa se concebe a si mesma.

Segundo ele, as tarefas que um indivíduo executa bem , por causa das aptidões herdadas e tendências do comportamento exercitadas num ambiente favorável, trazem a satisfação pessoal do domínio e aprovação dos superiores e amigos. Estes sucessos tendem a desenvolver na pessoa uma idéia de si mesma. Muitas destas pequenas e numerosas idéias de si mesmo contribuem, com o tempo, para a pessoa formar a imagem do próprio eu.

Isto pode ser observado no comportamento que os pais e familiares esperam da criança; a sua necessidade de ser um certo tipo de pessoa ou porque a criança já começa a se ver como o tipo de indivíduo no qual tal comportamento seria apropriado . Por esta razão a criança se identifica com o pai ou amigo no qual o comportamento foi observado. Se o modelo se ajusta razoavelmente bem, a criança se identifica, posteriormente, com aquela pessoa e, conseqüentemente, desenvolve seu autoconceito.Quando o modo observado não se ajusta perfeitamente e a criança não é capaz de imitá-lo satisfatoriamente em alguns aspectos, os modelos de comportamento devem ser modificados. Assim, um novo

conceito de "self" começa a emergir, o que leva a incorporar novas formas de comportamento.

Segundo Symonds (1951), o "Ego" seria definido como um grupo de processos tais como percepção, pensamento, lembrança, que são responsáveis pelo desenvolvimento e execução de um plano de ação para satisfazer os impulsos natos, e o "self", como a maneira pela qual o indivíduo reage a si mesmo. O self engloba quatro aspectos:

1 - como a pessoa percebe a si mesma;

2 - o que ela pensa de si mesma;

3 - como se avalia;

4 - como, através de várias ações, ela tenta se realçar ou se defender.

Para Symonds, nem sempre a pessoa pode estar consciente dessas percepções, concepções, avaliações e reações defensivas. Ele acredita que haja uma interação considerável entre o self e o ego.

Rogers (1951) destaca nas proposições de sua teoria sobre a personalidade, os seguintes componentes:

1 - O organismo - pelo qual o indivíduo total reage ao campo fenomenológico como um todo organizado, a fim de satisfazer suas necessidades; possui como motivo básico realizar-se, manter-se e melhorar, podendo simbolizar suas experiências, a fim de que se tornem conscientes, ou pode negar-lhes a simbolização, para que permaneçam inconscientes, ou ainda, pode ignorá-las.

2 - O campo fenomenológico - que é a totalidade da ex-

periência e que pode ser consciente ou inconsciente.

3 - O self - que é uma parte diferenciada - do campo fenomenológico e consiste de um conjunto de percepções conscientes e de valores do "eu".

Na teoria de Rogers o "self" é um conceito nuclear da personalidade, que possui as propriedades de estabelecer interação do organismo com o meio, introjetar valores dos outros e percebê-los, de forma a atingir uma maior consistência. O organismo reage de maneira condizente com o self e as experiências não condizentes com a estrutura do self são percebidas como ameaçadoras. O self pode ainda mudar, como resultado dos processos de maturidade e de aprendizagem.

Hartmann (1961), em seus estudos, ressalta a necessidade de diferenciar entre Self, como si mesmo e Ego, como sistema psíquico. A palavra Ego seria empregada para denotar "um conjunto de processos psicológicos tais como pensar, perceber, recordar, sentir, que têm uma função organizadora e reguladora em relação ao self e que são responsáveis pelo desenvolvimento e execução de um plano de ação para atingir a satisfação dos impulsos internos por um lado e por outro das exigências ambientais".

O desenvolvimento do Ego-órgão específico de adaptação implica em adquirir meios de satisfação e controle dos impulsos instintivos. Por outro lado, a adaptação humana é garantida por um equipamento primário e maturação de seus sistemas bem como por ações reguladas pelo Ego, que neutraliza as perturbações do meio e aperfeiçoa ativamente as relações entre a pessoa e o meio.

A palavra self indica as formas como o indivíduo reage a si mesmo, como se percebe, pensa e valoriza a si mesmo e como trata de estimular-se e defender-se. O self seria um conceito intermediário entre os relacionados com os fenêmenos intrapsíquicos e os concernentes à experiência interpessoal.

Jacobson(1964), utilizando as idéias básicas de Hartmann,chega a formular seu conceito de Self que engloba a pessoa total do indivíduo, incluindo o corpo e suas partes e a organização psíquica e suas partes. Para ela, em uma etapa primitiva de diferenciação existe o "Self psicofisiológico primário". À medida em que o Ego se desenvolve, vai incorporando em seu acervo mnêmico representações dos objetos e, à medida em que o indivíduo cresce, vai difereciando o interno do externo e, assim, o self dos objetos. Assim se diferenciam também "as representações no Ego" que, aos poucos, se separam em "representações de objetos" e "representações do self". A representação do self no Ego se origina de duas fontes: por incorporação direta das sensações que emanam da atividade funcional do organismo (psíquico e físico) e por percepção indireta do self tomado como objeto do Ego. Esta representação do Self no Ego contém as características, as potencialidades, as funções do corpo, sua aparência corporal, sua anatomia e fisiologia; a imagem do Ego, dos sentimentos, pensamentos, desejos, impulsos e atitudes (conscientes e pré-conscientes) e a idéia da própria conduta física e mental.

Erikson analisando as formulações de Hartmann considera que, se o Ego é entendido como uma mediação organizadora e parcialmente consciente, é necessário frisar que em qualquer

estágio determinado da vida deve-se entendê-lo como um si mesmo mutante que exige ser sintetizado com os si-mesmos abandonados e antecipados. O si-mesmo seria então tomado como o representante das idéias, imagens e configurações que estão a serviço da comparação com um si mesmo ideal. O que o Ego reflete quando vê ou contempla o corpo, a personalidade e os papéis aos quais está vinculado para toda vida, sem saber onde estava antes e onde estará depois, são os diversos si-mesmos que integram nosso si-mesmo composto. Existem transições constantes , às vezes, semelhantes a choques, entre estes si-mesmo.

Erikson conclui então que o "eu" é plenamente consciente e que somos verdadeiramente conscientes até onde podemos dizer "eu" com absoluta certeza. Os "si-mesmos" são quase totalmente pré-conscientes, o que quer dizer que podem tornar-se conscientes por obra do "eu" e até onde o "eu" esteja de acordo. O Ego é inconsciente, percebemos sua ação mas nunca o Ego mesmo. Para ele, os ideais do Ego representam um "conjunto de metas ideais do si-mesmo pelas quais se deve lutar mas que nunca se podem alcançar completamente, ainda que possa caracterizar a identidade do Ego pelo sentimento de realidade do si-mesmo dentro da realidade social.

Grinberg(1971), utilizando as formulações teóricas de Hartmann e Jacobson sobre os conceitos de Ego e Self postulou as seguintes definições:

1 - Ego - seria a organização coerente dos processos psíquicos de uma pessoa, que integra a consciência, mas que também possui algo de inconsciente. Do Ego partem as descargas das excitações no mundo exterior e ele é a instância psí-

quica que fiscaliza todos os seus processos parciais. É também do Ego que partem as repressões por meio das quais determinadas tendências anímicas vão ser excluídas não só da consciência mas, também, das demais formas de eficiência e atividade . No Ego existe algo inconsciente, algo que se conduz ao reprimido, exteriorizando intensos efeitos sem tornar-se consciente por si mesmo.

2 - Self - seria a totalidade da própria pessoa. Inclui o corpo com todas as suas partes, a estrutura psíquica com todas as suas partes, o vínculo com os objetos internos e externos e o sujeito como oposto ao mundo dos objetos.

O self, para Grinberg, inclui o Ego e o que ele chama de "Não-Ego". Este último está dentro do Self e quando se estende além dele se transforma no "não-self" (objetos externos e mundo externo). O "Não-Self" serve como espaço-tempo e o "Não-Ego" serve ao Ego na medida em que é aí que o Ego faz suas projeções intrapsíquicas.

Grinberg refere-se ainda à fantasia inconsciente do Self no Ego, definida como sendo o conjunto de fantasias inconscientes, vinculadas com os elementos de representações do Self no Ego.

A auto-imagem e o processo de identificação seriam então experimentados pelo indivíduo como "resultado do processo de individuação - diferenciação, base do sentimento da unicidade (ser uno e único) e do sentir-se ele mesmo através do tempo, base do sentimento de "mesmidade" ou de integração pessoal vinculado à integração social.

2.4.3 - Modelo muldidimensional do autoconceito de L'Écuyer

L'Écuyer define o autoconceito como um sistema multidimensional composto de estruturas fundamentais, que se desdobram em subestruturas e em categorias que irão caracterizar as suas múltiplas facetas, configuradas pela experiência individual, vivida, percebida, simbolizada e conceitualizada pelo indivíduo.

Este modelo apresenta uma abordagem fenomênica do autoconceito que enfatiza as experiências do indivíduo sob o ponto de vista das percepções internas e da organização destas percepções.

A sua formulação teórica apresenta quatro hipóteses principais:

1) hipótese da organização hierárquica

Fundamenta três tipos de perfis perceptivos correspondentes à três níveis de organização do autoconceito: estruturas, subestruturas e categorias que podem caracterizar as idades, sexo ou diferenciar diversos grupos clínicos ou culturais de acordo com os enfoques adotados nas investigações e estudos. Esta hipótese admite assim que se faça um estudo da organização hierárquica do autoconceito em função das características de grupos provenientes de ambientes sócio-culturais distintos.

2) hipótese das percepções centrais e secundárias

Permite uma análise interna dos perfis perceptivos através do desenvolvimento de um estudo em termos das dimensões mais importantes às menos importantes. Torna-se assim possível agrupar as percepções relativas à estruturas,subestruturas e categorias, diferenciando-os quanto às percepções considera-

das centrais, intermediárias ou secundárias para os indivíduos.

É também possível estudar as flutuações destas percepções no decorrer da etapa evolutiva do indivíduo considerando a época em que se tornam centrais ou secundárias. Num determinado momento uma percepção que era central poderá perder suas características e passar a ser secundária ou vice-versa.

3) hipótese das diferenças inter-sexuais

Esta hipótese defende a posição de que existe uma organização fundamental do autoconceito baseada nas diferenças inter-sexuais dos indivíduos, podendo ser a nível de conteúdos perceptivos específicos ou também de toda uma região (uma estrutura com todos ou alguns de seus elementos internos).

4) hipótese da evolução do autoconceito

Esta hipótese preconiza a evolução do autoconceito em toda a trajetória da vida do indivíduo. Permite uma análise do desenvolvimento progressivo de cada uma das dimensões que integram o autoconceito levando a um estudo mais aprofundado das modificações que ocorrem com os perfis de estruturas, subestruturas e categorias através das idades.

Este modelo fornece subsídios para um aprofundamento do conhecimento do autoconceito a nível não só de sua organização mas também de seu desenvolvimento, criando perspectivas de se conhecer melhor as dimensões do autoconceito, sua complexidade, as múltiplas facetas e particularidades de toda a sua evolução.

Os conteúdos de cada uma das dimensões do autoconceito são as seguintes:

1. A estrutura self-material compreende todas as referências ao corpo e de prioridades, às quais o indivíduo se identifica de uma maneira ou de outra. Esta estrutura é dividida em duas subestruturas: o self-somático e o self-possessivo.

   a) A subestrutura self-somático agrupa todas as expressões através das quais, o indivíduo faz alusão ao seu corpo . A análise do material observado levou o autor a subdividí-la em duas categorias específicas:

      - a categoria trato e aparência física compreende as expressões em que a pessoa faz menção às diferentes partes do seu corpo ou das descrições em termos de aparência: estatura, peso, talhe, ou beleza,...

      - a categoria condição física refere-se ao estado de saúde, às diversas sensações corporais, à doença e às atividades fisiológicas gerais como beber, comer, dormir, e demais;

   b) A subestrutura self-possessivo refere-se aos elementos que poderiam ser chamados outros "EUS" e relaciona muito bem os objetos às pessoas. Esta subestrutura é dividida em duas categorias:

      - a categoria posse de objetos refere-se aos objetos animados ou inanimados dos quais a pessoa se sente direta ou indiretamente possuidora;

- a categoria posse de pessoas relaciona-se ao caráter possessivo afetivo, às vezes à menção de pessoas significativas: "Este é meu pai", "Eu tenho cinco filhos".

2. A estrutura self-pessoal relaciona-se às características mais internas ou psíquicas formuladas pelo indivíduo, algumas podem ser mais gerais ou descritivas (subestrutura imagem do self), as outras mais profundas (subestrutura identidade do self).

a) A subestrutura imagem do self compreende uma grande variedade de descrições que envolvem diversos aspectos da experiência do self. A análise do material faz sobressair categorias mais específicas:

- a categoria aspirações ideais, vontade, desejos

- a categoria sentimentos e emoções relaciona-se aos diversos estados emocionais exprimidos pelo indivíduo : amor, ódio, medo, decepção, depressão ou alegria;

- a categoria gostos e interesses refere-se às coisas que atraem ou repulsam o indivíduo;

- a categoria qualidades e defeitos contém a descrição do self em termos de qualidades positivas ou negativas como "Eu sou batalhador", "Eu sou gentil".

b) A subestrutura identidade do self ultrapassa o nível simplesmente descritivo (imagem do self) e vai mais profundamente dentro da consciência do ser e da existência do indivíduo. Esta subestrutura é gradualmente diferenciada

em categorias:

- a categoria papel e status, uma expansão em direção à análise dos conteúdos perceptuais das diferentes idades. Refere-se atualmente aos diversos postos e funções ocupadas ou exercidas pela pessoa na escola ou em casa, à ação de pertencer a grupos estruturados ou não, ao meio e à profissão como: "Eu sou um estudante", "Eu sou um adolescente", "Eu sou uma pessoa idosa", "Eu sou presidente do Clube da época de ouro";

- a categoria consistência refere-se ao sentimento geral de coerência ou incoerência interna, da continuidade ou de descontinuidade, de compreensão ou de incompreensão do que se passa no self;

- a categoria ideologia compreende os enunciados constituintes de um tipo de filosofia de vida. É constituída muito freqüentemente de provérbios, formulações de princípios de vida ou observações da vida em geral:"Eu sou pela paz no mundo", "A vida é muito agitada hoje em dia";

- a categoria identidade abstrata compreende referências existenciais vagas (Eu sou eu-mesmo) ou toda identificação do self a uma certa categoria. É um tipo de etiqueta que o indivíduo se atribui (às vezes difícil de distinguir da ideologia). O indivíduo se classifica de qualquer coisa. Ex.: "Eu sou um não violento", "Eu sou uma mulher liberada". Pertencendo, a uma religião, ou

a um movimento político.

3. A estrutura self-adaptativo corresponde às reações que o indivíduo tem face às percepções de si mesmo. Essas reações podem ser de duas ordens: um aspecto de avaliação positiva ou negativa (subestrutura valor de self) e um aspecto ação, determinando com exatidão o gênero de ação ou de reação face a essas percepções (subestrutura atividades do self).

   a) A subestrutura valor do self compreende todos os enunciados que envolvem um julgamento positivo ou negativo, a partir de um sistema de valores pessoas ou impostos do exterior. Duas categorias compõem esta subestrutura: competência e valor pessoal.

      - a categoria competência refere-se a todo enunciado que traduz ao sujeito a impressão de eficácia real, além de simples enumeração de capacidades e atitudes.

      - a categoria valor pessoal agrupa os enunciados que comportam um julgamento de valor positivo ou negativo em função de quaisquer padrões. É mais profundo que a simples descrição de qualidades e de defeitos.

   b) A subestrutura atividades do self contém os enunciados indicadores dos diversos modos de ação ou reação face às percepções de si mesmo e à realidade (passado, presente e futuro) com vista de manter, promover e defender seu self. Essa subestrutura é composta das categorias seguintes:

      - a categoria autonomia para o sujeito indica o que fa-

zer face à situação, assumindo as responsabilidades inerentes.

- a categoria ambivalência refere-se às hesitações, às contradições do indivíduo face à ação ou posse; comparativamente à categoria consistência que está ao nível da percepção de incoerência interna, a categoria ambivalência se situa ao nível de ação ou posse.

- a categoria dependência reune todos os enunciados ou a pessoa específica que se recusa fazer face à ação, que lhe remete aos outros. Ao nível das pessoas de idade, os enunciados implicam o sentimento de impotência, de estar obrigado a contar com os outros.

- a categoria estilo de vida refere-se às diferentes maneiras de descrever seu modo geral de vida (passado, presente ou futuro): "Eu levo uma vida muito simples", "Eu vivo uma vida bastante movimentada".

4. A estrutura self-social indica que a pessoa confiante em si mesma, está aberta aos outros, entra em interação com os outros. Duas subestruturas relacionam diversas modalidades : preocupações e atitudes sociais e referência ao sexo.

a) A subestrutura preocupações e atitudes sociais explicita para a pessoa sua participação real ou seu desejo de participar de atividades com os outros. Três categorias relacionam os elementos mais específicos destas subestruturas:

- a categoria receptividade aos outros mostra a ênfase

na atitude positiva frente aos outros: comunicação positiva com os outros, desejo de comunicar-se com os outros e, às vezes, simples recusa de entrar em comunicação com os outros.

- a categoria dominação indica o aspecto negativo ou que o sujeito domina ou se sente dominado pelos outros, aparecendo geralmente as diferentes formas de agressividade real ou encoberta, verbal ou física, desenvolvidas na comunicação interpessoal.

- a categoria altruísmo faz sobressair o indivíduo que se coloca a serviço dos outros sem nada esperar em troca: "Eu amo ajudar os outros", "Eu dou o tempo para os pobres".

b) A subcultura referência ao sexo reune os enunciados de modo como a realidade sexual é integrada: grau de consciência sobre, e tipos de comunicação com os outros, enquanto pessoas sexuais. Não é a simples referência a seu sexo, mas aquela em que o self entra em relação com os outros. Recentes trabalhos conduziram à identificação de duas categorias específicas:

- a referência simples que agrupa enunciados tipo: "Eu tenho três amigos: meninos e uma menina (crianças de 5 a 8 anos). "Eu amo a companhia dos homens (pessoas de meia idade).

- a categoria atração e experiência sexual relaciona-se aos enunciados que fazem parte de muita ou pouca gran-

de sensibilidade às diversas experiências sexuais mais profundas: "Meu amigo me abraça bem", "Eu sou ainda atraído por mulheres a despeito da minha idade", "Eu dou atenção a meu corpo por prazer a meu marido", "Eu descubro as moças bonitas".

5. A estrutura self-não-self não continha inicialmente nem subestrutura, nem categoria e não agrupava enunciados ou sujeitos que falassem muito de si como tal, mas dos outros, com os quais está diretamente relacionado. É um tipo de identificação por contraste (L'Ecuyer, 1975, p. 121) do tipo : "Meu pai acaba de trocar de carro", "Meu amigo tem uma bela bicicleta". Este é um tipo de enunciado que se encontra nas crianças de menos de 10 anos. As experiências mais recentes com adolescentes e pessoas de mais idade, de fato resultaram em outros tipos de enunciados permutando as diferenciações do self, mais a partir de verbalizações ou da pessoa que estava diretamente envolvida com ele, de modo a saber as opiniões dos outros sobre si mesmo. Esta estrutura self-não-self comporta significados de duas subestruturas: referência aos outros e opinião dos outros sobre si, subestruturas das quais o material atual não é, ainda, tirado de categorias mais específicas.

a) A subestrutura referência aos outros reafirma os enunciados no qual a pessoa não fala diretamente dela mesma,mas somente dos outros: "Meu amigo tem uma bela bicicleta" , "Minha irmã está no 5º ano", "Meus filhos estão muito bem colocados na vida".

b) A subestrutura opinião dos outros sobre si compreende os enunciados no qual o sujeito está pessoalmente envolvido por meio do julgamento dos outros a sua pessoa: "Meus pais dizem que sou preguiçoso", "Muitos pensam que tenho um modo desembaraçado, mas de fato sou muito tímido".

3 - PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa de campo procurou avaliar até que ponto as variáveis ambientais provindas de determinado contexto sócio-cultural interfere na organização hierárquica do autoconceito segundo o modelo multidimensional de L'Écuyer.

3.1 - Objetivos e problema a ser estudado

Objetivos

a) Investigar as características da formação do autoconceito e dos valores em adolescentes infratores institucionalizados.

b) Analisar a evolução do autoconceito, através das estruturas, subestruturas e categorias, na faixa etária de 12 a 19 anos.

c) Estabelecer correlação dos valores sobre as subestruturas do autoconceito.

Problema a ser estudado

As características dos valores psicossociais dos adolescentes infratores institucionalizados influenciam a organização hierárquica do autoconceito proposto pelo

modelo de L'Écuyer.

3.2 - Metodologia

Caracterização da amostra

A investigação de caráter exploratório foi realizada em um grupo de 80 adolescentes do sexo masculino infratores de 12 a 19 anos, institucionalizados na FUNABEM (Fundação do Bem-estar do Menor - R.J.). São provenientes de famílias com problemas econômicos apresentando prole numerosa, ausência freqüente dos pais no lar, vivendo em moradias precárias e habitando a maioria ambientes de favela, conforme consta no dossiê dos alunos, segundo informações obtidas dos técnicos da Instituição .

A escolha do grupo para esta investigação exploratória foi feita de acordo com critérios pré-estabelecidos que proporcionassem um número homogêneo de cada faixa etária.

Foram selecionados 20 jovens, para cada grupo de idade, correspondentes a: 12-13, 14-15, 16-17 e 18-19 anos.

3.2.1 - Procedimentos e avaliação

Para se obter uma análise qualitativa das principais características do autoconceito, elaboramos um questionário dentro dos postulados do modelo multidi

mencional de L'Écuyer, onde compatibilizamos os itens do mesmo com seu referencial teórico.

Este instrumento forneceu subsídios para avaliar operacionalmente o constructo psicológico do autoconceito, através dos seguintes indicadores: estruturas, subestruturas e categorias. Constou de 50 itens, sendo cinco questões relativas a cada uma das dez subestruturas relacionadas a seguir:

Itens relativos ao questionário do Autoconceito segundo as estruturas, subestruturas e categorias

ITENS	ESTRUTURA	SUBESTRUTURA	CATEGORIA
1a) 2,1,28	self-material	self-somático	aparência
1b) 6,13	self-material	self-somático	condição física
1c) 18,22,27	self-material	self-possessivo	posse de objetos
1d) 29,37	self-material	self-possessivo	posse de pessoas
2a) 46	self-pessoal	imagem do self	aspiração
2b) 3	self-pessoal	imagem do self	sentimentos e emoções
2c) 4,33	self-pessoal	imagem do self	gostos e interesses
2d) 17	self-pessoal	imagem do self	qualidades e defeitos
2e) 23	self-pessoal	identidade do self	papel e status
2f) 11,26	self-pessoal	identidade do self	consistência
2g) 31	self-pessoal	identidade do self	ideologia
2h) 7	self-pessoal	identidade do self	identidade abstrata
3a) 47,21,30	self-adaptativo	valor do self	competência
3b) 39,5	self-adaptativo	valor do self	valor pessoal
3c) 32	self-adaptativo	atividade do self	autonomia
3d) 12	self-adaptativo	atividade do self	ambivalência
3e) 49	self-adaptativo	atividade do self	dependência
ef) 8,42	self-adaptativo	atividade do self	estilo de vida
4a) 9,15	self-social	preocup.ativ.sociais	receptividade
4b) 20,24	self-social	preocup.ativ.sociais	dominação
4c) 43	self-social	preocup.ativ.sociais	altruísmo
4d) 10,35	self-social	referência ao sexo	referência simples
4e) 16,40,48	self-social	referência ao sexo	atração e experiências
5a) 14,25,36 41,50	self-e não self	referência aos outros	
5b) 19,34,44 45,38	self-e não self	opinião dos outros	

A aplicação do questionário possibilitou diagnosticar pontos críticos da organização interna do autoconceito e detectar as variações e oscilações que ocorrem dentro da etapa evolutiva deste grupo de adolescentes.

Construímos este questionário primeiramente para uma pesquisa (1982) sobre a evolução do autoconceito com adolescentes de ambos os sexos de classe média em zona urbana e utilizado logo a seguir em um outro estudo com grupo de infratores masculinos na FUNABEM. Através destas duas investigações foi possível obter um maior controle na compreensão e adequação dos itens. Na aplicação do questionário foram prestados os devidos esclarecimentos de acordo com o código lingüístico do grupo, tendo sido adaptados alguns itens em relação às características próprias do grupo.

Para a avaliação dos valores desta população, elaboramos um segundo instrumento, - "Inventário de Valores" -, baseado na "Escala para Medidas de Valores" de Dinah Martins de Souza Campos (1980). O conteúdo de cada um dos itens que integram o inventário, foi obtido através de observações feitas na própria FUNABEM e de relatos de psicológos, diretores e orientadores que lá trabalham, bem como das avaliações psicológicas que constam nos dossiês dos alunos. Inicialmente foram configuradas 70 situações que foram submetidas a um grupo de juízes-psicólogos da Instituição, que selecionaram 40 delas relativas aos valores propostos inicialmente.

O Inventário foi constituído por dez valores correspondentes a quatro itens cada um e que foram assim distribuídos:

VALORES	ITENS
1) Competição	1,11,21,31
2) Moralidade	2,12,22,32
3) Liberdade	3,13,23,33
4) Religião	4,14,24,34
5) Justiça	5,15,25,35
6) Sinceridade	6,16,26,36
7) Cooperação	7,17,27,37
8) Honra	8,18,28,38
9) Valorização bens materiais	9,19,29,39
10) Valorização esforço para obter sucesso	10,20,30,40

Em ambas as avaliações, as correções foram efetuadas a partir de um quadro de respostas classificadas em ( ) SIM e ( ) NÃO. Cada item valeu 1 ponto e foram tabulados por grupos de idades (Vide tabela em anexo).

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Calculou-se as médias e desvio padrão nas duas avaliações que possibilitaram verificar os valores e as subestruturas significativas para cada faixa etária:

TABELA I-A

Médias e desvio padrão - Grupo 12-15 anos

AUTOCONCEITO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VALORES	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Self-somático	3,275	1,072	Competição	2,925	0,818
Referência aos outros	3,575	0,919	Moralidade	3,375	0,659
Valor do self	3,400	0,970	Liberdade	1,800	1,145
Atividade do self	3,000	1,225	Religião	3,650	0,527
Imagem do self	3,175	0,972	Justiça	3,000	0,742
Preocupação e Atividades sociais	2,700	0,678	Sinceridade	3,275	0,774
Self-possessivo	2,950	1,117	Cooperação	2,950	0,740
Referência ao sexo	3,750	0,829	Honra	3,050	1,023
Identidade do self	2,375	1,065	Valorização bens materiais	2,975	0,790
Opinião dos outros	3,400	0,831	Valorização esforço p/ obter sucesso	2,324	0,932

TABELA I-B

Médias e desvio padrão - Grupo 16-19 anos

AUTOCONCEITO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VALORES	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Self-somático	3,775	0,851	Competição	2,475	0,974
Referência aos outros	3,375	0,827	Moralidade	3,325	0,720
Valor do self q	3,575	0,997	Liberdade	2,600	1,02
Atividade do self	3,375	1,111	Religião	3,300	0,748
Imagem do self	3,000	1,204	Justiça	2,525	0,921
Preocupação e atividades sociais	3,025	1,084	Sinceridade	2,600	0,831
Self-possessivo	3,125	1,122	Cooperação	2,775	0,758
Referência ao sexo	3,500	1,183	Honra	2,700	1,054
Identidade do self	3,250	0,799	Valorização bens materiais	2,700	0,900
Opinião dos outros	3,325	0,921	Valorização esforço p/ obter sucesso	2,525	0,914

De acordo com as tabelas I ,os resultados obtidos nas médias das subestruturas do autoconceito foram inesperados, pois de maneira geral,os escores foram superiores a 2,5 (considerando sua variação de 1 a 5) o que significa que numa escala de 0 a 100 se situaram acima de 50.

Os resultados obtidos no questionário do autoconceito foram tabulados por freqüência de acertos relativos as subestruturas e categorias (Tabela II).

TABELA II

Freqüência de acertos por subestruturas e categorias (N=40)

SUBESTRUTURAS	CATEGORIA	ITEM	TOTAL DE ACERTOS DOS GRUPOS	
			12/15 anos	16/19 anos
Self-somática	aparência	2	30	36
		1	26	28
		28	22	14
		6	21	36
		13	34	36
Self-possessivo	posse de objetos	18	24	9
		22	14	14
		27	22	26
	posse de pessoas	29	31	33
		37	29	35
Imagem do self	aspiração	46	10	16
	sent. e emoção	3	28	20
	gostos e interesses	4	30	24
		33	32	31
	qualid. e defeito	17	27	28
Identidida do self	papel e status	23	23	26
	consistência	11	9	15
		26	15	32
	ideologia	31	13	24
	ident. abstrata	7	34	33
Valor do self	competência	47	9	13
		21	35	29
		30	31	33
	valor pessoal	39	33	33
		5	28	34
Atividade do self	autonomia	32	11	16
	ambivalência	12	29	31
	dependência	49	36	31
	estilo de vida	8	18	31
		42	25	28
Preocupação e atividades sociais	receptividade	9	24	24
		15	31	35
	dominação	20	6	9
		24	13	20
	altruísmo	43	35	34
Referência ao sexo	referência simples	10	38	35
		35	28	22
	atração e experiência	16	38	30
		40	15	25
		48	32	29
Referência aos outros		14	29	28
		25	27	21
		36	30	39
		41	25	25
		50	32	22
Opinião dos outros		19	15	20
		34	39	35
		44	24	16
		45	31	36
		38	30	26

Análise do perfil psicológico da população de acordo com o modelo multidimensional de L'Écuyer:

1) Subestrutura self-somático - categorias: aparência e condição física.

Esta subestrutura obteve a maior média de acertos para o grupo de adolescentes de 16-19 anos. Em relação à categoria aparência, o grupo de 12-16 anos apresentou resultados semelhantes ao grupo mais velho demonstrando uma tendência geral em se afirmar através do físico atraente e em boa forma, o que consiste num requisito fundamental para ser aceito pelo grupo de iguais.

Na categoria condição física os escores mais altos foram obtidos pelos jovens de 16-19 anos de idade, talvez devido ao fato da ênfase na coragem e disposição física para enfrentar certas situações de rua ser mais importante no final da adolescência.

2) Subestrutura self-possessivo - categorias: posse de objetos e posse de pessoas.

Comparada com as outras subestruturas a self-possessivo apresentou médias baixas para ambos os grupos de idades.

A categoria posse de objetos destacou-se pelas questões com pouca freqüência de acertos para os jovens de 16 a 19 anos o que remete à reflexão sobre os modelos de consumo inerentes à classe dominante e a sua repercussão nesse grupo.

Quanto à categoria posse de pessoas, os escores foram mais altos nos dois níveis de idades, fato que pode ser atribuído à compensação psíquica de obter vínculos afetivos com as pessoas ao seu redor, ressaltando-se a importância das relações interpessoais dentro do grupo de iguais.

3) Subestrutura imagem do self - categorias: aspirações, sentimentos e emoções, gostos e interesses, qualidades e defeitos.

Esta subestrutura demonstrou médias praticamente semelhantes nas duas faixas etárias. A categoria que se mostrou mais difícil foi a relacionada com aspiração, na qual o índice de acertos foi baixo para todos os jovens. Supõe-se que estes resultados sejam fruto do nível de aspiração pouco realista desta população que apresenta dificuldade de se projetar no futuro.

4) Subestrutura identidade do self - categorias: papel e status, consistência, ideologia e identidade abstrata.

Verificou-se nesta subestrutura um maior índice de erros para o grupo de 12-15 anos de idade nas categorias consistência e ideologia. Estes resultados são coerentes com a etapa evolutiva em que o indivíduo se encontra, visto que os adolescentes mais novos ainda não adquiriram uma postura ideológica de acordo com seus próprios valores e encontram-se voltados para uma busca de parâmetros relativos aos referenciais sociais mais importantes para eles próprios.

A capacidade de elaboração intelectual no início da

puberdade ainda não atingiu um nível que possibilite reflexões mais elaboradas sobre problemas ideológicos. Adicionando-se a este fato, deve-se ressaltar que esta subcultura está mais voltada para uma ética de sobrevivência ou de subsistência,com a conseqüente valorização da satisfação imediata e de um envolvimento social mais concreto do que abstrato.

Quanto aos resultados da categoria consistência, convém salientar que o período de turbulência emocional é mais intenso no início da puberdade, tendendo para uma estabilização à medida que vão amadurecendo os adolescentes.

O alto nível de ansiedade em que estes jovens se encontram devido aos primeiros impactos da condição de infrator institucionalizado podem levá-los a apresentar modalidades de comportamento incoerentes, mostrando-se em determinadas circunstâncias bastante rebeldes e, em outros momentos, até dóceis.

Nas categorias identidade abstrata, papel e status, os resultados foram semelhantes para os dois grupos de idade , fato que deve estar pautado na conscientização geral desta subcultura da estratificação social a que pertencem e da conseqüente posição de sua identidade pessoal na estrutura social mais ampla.

5) Subestrutura <u>valor do self</u> - categorias: a) competência b) valor pessoal

Esta subestrutura apresentou médias altas para os dois grupos de idade, devido aos escores elevados na categoria valor pessoal.

Considerando que a avaliação do autoconceito foi feita em relação aos padrões de comportamento adotado pelo próprio grupo, estes escores altos podem estar mais relacionados com as expectativas e o reconhecimento social dos companheiros do que com as expectativas da classe dominante.

6) Subestrutura atividade do self - categorias: autonomia, ambivalência, dependência e estilo de vida.

Esta subestrutura apresentou os melhores escores para os dois grupos de idades nas categorias ambivalência e dependência. Tais resultados, provavelmente, estão relacionados com a conquista precoce de mecanismos adaptativos para lidar com todos os problemas de subsistência. Adquirem desde cedo mecanismos psicológicos para enfrentar as dificuldades que a vida lhes oferece, aprendendo, por conseguinte, a se manterem sozinhos e a tomar decisões por si próprios.

Através de um cabedal de informações fornecidas em seu meio social, eles adquirem diversas modalidades de "malandragem de rua" incluindo situações que envolvem vida e morte . Todas estas experiências por que passa esta classe de jovens contribuem assim para uma conquista de independência emocional prematura.

7) Subestrutura preocupação e atividades sociais - categorias: receptividade, dominação e altruísmo.

A categoria dominação mobilizou de forma significativa todos os jovens, principalmente os mais novos que obtiveram escores muito baixos, o que pode ser atribuído a conflitos psíquicos em relação à liderança.

Levando-se em conta a própria situação de infrator institucionalizado, pode-se inferir que o ato de violar regras decorre de atitudes agressivas contra os códigos sociais impostos pela classe dominante. Tais demonstrações de rebeldia passam a ser explicadas pelos problemas de rejeição vivenciados desde a infância e projetados nas pessoas que representam autoridade.

A categoria Altruísmo e Cooperação apresentou resultados bem mais altos, indicando assim uma tendência a atitudes de cooperação e ajuda mútua, em detrimento do individualismo, o que remete a influência da convivência intensa com o grupo de iguais e da própria família numerosa possibilitar estas modalidades de comportamento.

8) Subestrutura <u>referência ao sexo</u> - categorias: referência simples, atração e experiência.

As médias altas nesta subestrutura evidenciaram a importância atribuída ao sexo por todos estes jovens devido naturalmente, às mudanças biológicas que ocorrem na adolescência com a conseqüente expressão de ansiedade inerente a esta nova etapa evolutiva.

Observou-se que para o grupo 12-15 anos, os interesses nesta área ainda foram mais fortes, por ter sido a subestrutura que apresentou a maior média de acertos, fato que deve ser interpretado pelo surgimento dos primeiros sinais fisiológicos da puberdade e das recentes descobertas relacionadas com a atração ao sexo oposto.

Segundo o enfoque psicanalítico, a má resolução do con

flito edipiano pela falta de bons modelos paternos perturbará a formação da identidade sexual do indivíduo. Partindo destes dados, podemos portanto interpretar que os vários impedimentos que atuam no decorrer do desenvolvimento psico-afetivo desta população, como a desvalorização das figuras parentais internalizadas, a ética familiar e disciplinas contraditórias, constituem-se variáveis importantes na etiologia do comportamento anti-social existente.

9) Subestrutura referência aos outros e 10) Subestrutura opinião dos outros.

Estas subestruturas apresentaram itens com resultados equilibrados e semelhantes para todos as idades, o que pode ser indicativo da coesão intra-grupal que acompanha a conscientização da delimitação entre o "nós" e os "outros", levando-os a adquirirem tendências similares para fazer comparações com os outros indivíduos.

Análise do Inventário de Valores

De acordo com os resultados desta avaliação os maiores índices de acertos para todas as idades foram os relativos aos valores moralidade e religião, contradizendo a imagem preconceituosa de jovens delinqüentes feita pela sociedade.

A importância assumida pela religião proporciona a liberação da carga emocional relativa aos anseios vivenciados por estes jovens. O vínculo com sentimentos místicos poderá estar associado a um mecanismo psicológico de compensação das

dificuldades da vida atual em outro mundo melhor, ou de uma busca de soluções mágicas para suas vivências de frustração e opressão social.

Quanto aos itens relativos à valorização do esforço para obter sucesso apresentaram todos os adolescentes médias baixas. Provavelmente, o grupo tentou demonstrar a inutilidade de se empenhar para atingir alguma forma de sucesso ou status dentro da sociedade dominante, através unicamente do esforço pessoal, visando racionalizar seus próprios atos de infração.

Os valores justiça e competição provocaram maiores dificuldades nas respostas para os adolescentes mais velhos. Faz-se necessário ressaltar que se encontram numa fase de questionamentos sociais e ideológicos envolvendo a reestruturação dos padrões do certo e errado introjetados por eles desde a infância. Apresentam assim, uma sensibilidade maior para julgamento crítico, não só de suas próprias ações interiores, mas também do mundo externo; a condição de marginalizado social reforça mais ainda suas indagações acerca das "justiças" e "injustiças" atribuídas dentro e fora da Instituição.

As dificuldades inerentes ao valor competição devem estar pautadas na supervalorização de jogos competitivos, fundamental nesta fase em que os jovens precisam de uma fonte onde possam descarregar suas energias.

Nesta população há uma grande necessidade de afirmação através dos esportes onde existem oportunidades de demonstrar destreza, poder, força e capacidade física. Sendo assim, apresentam sensibilidade a situações de derrota, e tentar criar situações

em que o reconhecimento frente aos outros companheiros é valorizado.

O maior índice de erros para o grupo de 12 a 15 anos situou-se nos itens referentes ao valor liberdade, indicando um menor nível de tolerância a situações de prisão. Nos últimos anos da adolescência já começam a apresentar sinais de condutas adaptativas à condição de institucionalizados, adquirindo maturidade emocional suficiente para reduzir as ansiedade provocadas pelos impactos iniciais.

Os resultados das duas avaliações foram submetidos a um teste de correlação estatística (via métodos dos mínimos quadrados) para os grupos de idades 12-15 e 16-19.

TABELA III-A

Relação causal de valores sobre autoconceito do grupo 12-15 anos

AUTOCONCEITO	VALORES	R^2	b	m	t
0. Self-somático	1. Moralidade	0,019	2,522	0,223	1,385*
	5. Sinceridade	0,044	2,322	0,291	1,791**
1. Referência aos outros	3. Religião	0,042	4,874	-0,356	-2,239***
	9. Valorização esforço	0,093	4,275	-0,301	-1,323*
2. Valor do self	0. Competição	0,077	4,361	-0,329	-1,812**
	3. Religião	0,104	1,230	0,595	4,040***
3. Atividade do self	3. Religião	0,096	0,369	0,721	5,318***
	4. Justiça	0,027	2,182	0,273	1,626**
	5. Sinceridade	0,034	2,044	0,292	1,902**
4. Imagem do self	1. Moralidade	0,048	4,268	-0,324	-2,119***
	3. Religião	0,030	4,342	-0,320	-2,223***
	5. Sinceridade	0,039	3,984	-0,247	-1,575*
	9. Valorização esforço	0,178	4,196	-0,439	-2,253***
5. Preocupação e atividades sociais	0. Competição	0,102	1,924	0,265	1,882**
	1. Moralidade	0,038	3,380	-0,201	-1,564*
	5. Sinceridade	0,050	3,342	-0,196	-1,499
6. Self-possessivo	3. Religião	0,051	1,207	0,477	3,522***
7. Referência ao sexo	8. Valorização bens mat.	0,138	2,589	0,390	2,978***
8. Identidade do self	4. Justiça	0,025	1,693	0,227	1,685**
	9. Valorização esforço	0,065	1,698	0,291	1,786**
9. Opinião dos outros	1. Moralidade	0,052	4,371	-0,288	-1,790**
	3. Religião	0,095	5,176	-0,486	-3,322***
	5. Sinceridade	0,044	4,138	-0,225	-1,365*

*** = significativo a nível 95%
** = significativo a nível 90%
* = significativo a nível 80%

TABELA III-B

Relação causal de valores sobre autoconceito do grupo de 16-19 anos

AUTOCONCEITO	VALORES	R^2	b	m	t
0. Self-somático	3. Religião	0,069	2,788	0,299	1,671*
1. Referência aos outros	4. Justiça	0,178	2,391	0,391	2,030***
	6. Cooperação	0,142	2,231	0,405	2,271***
2. Valor do self	6. Cooperação	0,019	3,071	0,182	1,459*
	7. Honra	0,077	2,857	0,268	1,330*
3. Atividade do self	2. Liberdade	0,125	4,375	-0,385	-1,992**
	3. Religião	0,027	2,565	0,246	1,462*
4. Imagem do self	2. Liberdade	0,106	4,000	-0,385	-2,167***
	9. Valorização esforço para conseguir sucesso	0,089	4,083	-0,429	-2,279***
5. Preocupação atividades sociais	3. Religião	0,038	3,953	-0,281	-1,861**
	5. Sinceridade	0,068	2,151	0,339	1,825**
6. Self-possessivo	3. Religião	0,027	3,315	0,246	1,564*
	4. Justiça	0,082	4,023	-0,359	-1,849**
	6. Cooperação	0,086	4,328	-0,426	-2,421***
	9. Valorização esforço	0,041	3,813	-0,273	-1,375*
7. Referência ao sexo	3. Religião	0,096	5,121	-0,491	-2,917**
8. Identidade do self	-				
9. Opinião dos outros	1. Moralidade	0,142	4,801	-0,44	-2,931***
	2. Liberdade	0,116	4,062	-0,284	-1,514*
	3. Religião	0,074	4,342	-0,308	-1,946**

*** = significativo a nível 95%
** = significativo a nível 90%
* = significativo a nível 80%

A Tabela III mostra, para cada autoconceito, os valores que conseguiram explicá-lo. Considerou-se apenas uma variável explicativa por vez. Não se pesquisou os casos de várias variáveis independentes (valores) agindo simultaneamente para explicar a variável dependente (autoconceito).

Os casos em que a correlação é não-significativa não foram apresentados. O critério foi eliminar todas com estatística t inferior a 1,684, que é o valor crítico a nível de significância 10%. Algumas correlações são significativamente não-nulas com nível 5% e estão assinalados na Tabela. Se a estatística t for superior a $\begin{Bmatrix} 2,021 \\ 1,684 \\ 1,303 \end{Bmatrix}$ podem aceitar a hipótese de que aquele valor afeta aquele autoconceito, com risco apenas $\begin{Bmatrix} 5\% \\ 10\% \\ 20\% \end{Bmatrix}$ de estar comentendo um erro (Teste da hipótese bilateral.

A interpretação das colunas m e b pode ser feita com auxílio de um gráfico relacionando um autoconceito com um valor (por exemplo, atividades do self com religião) como na Figura 1. Considere a reta que melhor se ajusta ao conjunto de pontos que caracteriza a relação entre as duas variáveis. O valor b é o ponto onde ela atinge o eixo vertical e o m é sua inclinação, medida pela tangente do ângulo que ele faz com o eixo horizontal. O valor R^2 mede a qualidade deste ajuste e caracteriza a proporção da variação do autoconceito que é explicada pela variação dos valores.

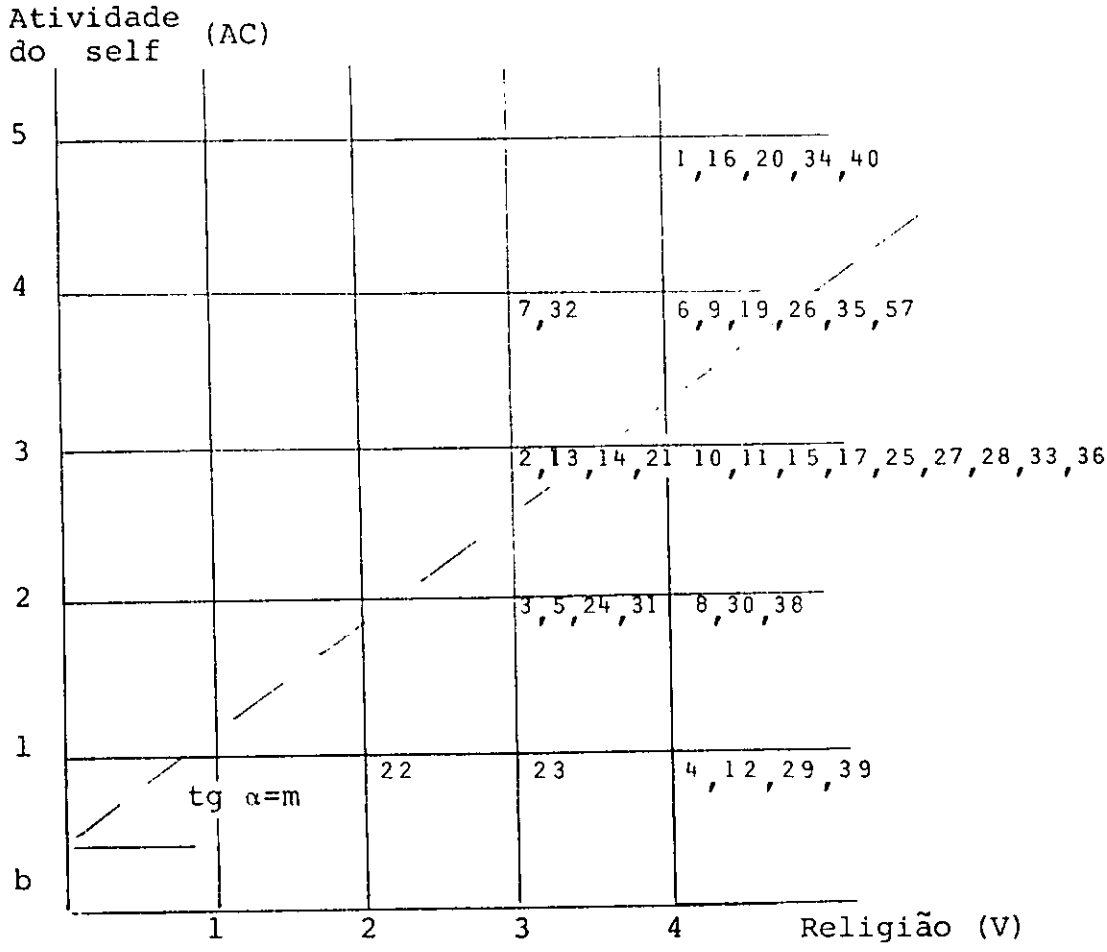

FIGURA I

Exemplo da interpretação dos dados da Tabela II

TABELA IV

Correlação entre Atividade do self e Religião para o grupo 12-16 (para exemplo da Figura I)

Aluno	AC	V		AC	V		AC	V		AC	V
1	5	4	11	3	4	21	3	3	31	2	3
2	3	3	12	1	4	22	1	2	32	4	3
3	2	3	13	3	3	23	1	3	33	3	4
4	1	4	14	3	3	24	2	3	34	5	4
5	2	3	15	3	4	25	3	4	35	4	4
6	4	4	16	5	4	26	4	4	36	3	4
7	4	3	17	3	4	27	3	4	37	4	4
8	2	4	18	4	4	20	3	4	38	2	4
9	4	4	19	4	4	29	1	4	39	1	4
10	3	4	20	5	4	30	2	4	40	5	4

Os dados contidos nas Tabelas III-A e III-B vêem indicar a confirmação da hipótese de que o autoconceito é influenciado pelos valores psicossociais do jovem infrator institucionalizado. Esta relação causal demonstrou configurações distintas para os dois grupos de idades, enfatizando a proposta do Modelo Teórico de L'Écuyer de que determinadas auto-percepções podem se tornar mais importantes (centrais) ou menos importantes (secundárias) em função da fase evolutiva em que o indivíduo se encontra.

Podemos destacar as correlações *imagem do self* com *valorização do esforço para obter sucesso; opinião dos outros com moralidade e religião*, como sendo aquelas que demonstraram resultados igualmente significativos para as duas faixas etárias.

Estas referidas correlações se apresentaram negativas, indicando que se relacionam de forma oposta. Em relação à *imagem do self* podemos concluir que se encontra inversamente associada à *valorização do esforço para obter sucesso*, por se tratar de uma sub-cultura que utiliza com freqüência mecanismos de infração e não estão comprometidos com a força do trabalho para atingir sucesso pessoal.

Os resultados da *opinião dos outros* com *moralidade* , torna-se bastante coerente para estes adolescentes, uma vez que apresentam um código de ética com regras próprias e que os mantêm alheios às opiniões dos outros indivíduos fora de seu meio social. Suas atitudes se apresentam, de modo geral,em desacordo com as expectativas da sociedade dominante, como no caso do infrator que mata para defender sua própria honra.

Para os adolescentes de 12-15 anos o coeficiente de correlação significativo a nível 95% ,situou-se entre o valor *religião* com as subestruturas: *atividade do self e valor do self*. Tais constatações sugerem que a religião é mais importante para as atividades do self na fase inicial da adolescência, quando ainda se encontram emocionalmente imaturos e sentindo-se, algumas vezes, desamparados, o que os levam a procurar uma fonte que lhes forneça apoio e segurança. A importância do valor do self, também está sendo enfatizada pela religião, provavelmente porque esta lhes proporciona condição para uma melhor conceituação de si mesmos.

A crença em imagens divinas e místicas permite não só que estes jovens fujam da realidade cotidiana, como também atinjam níveis de superação dos problemas cotidianos. Por outro lado, pode também revelar tendência a ocultar seus verdadeiros sentimentos, chegando até a uma auto-idealização exagerada.

Ainda para este mesmo grupo de idade, a subestrutura *sexo* obteve uma correlação com *valorização de bens materiais* significativa a nível 95%. Faz-se necessário destacar aqui que a valorização de bens materiais e de consumo é enfatizada pela máquina da propaganda com uma forte carga de apelo aos estímulos sexuais, induzindo-os a uma associação do "poder de possuir" com o "poder sexual". Esta mensagem é fortemente assimilada por eles, que procuram afirmar a virilidade através da posse de objetos, sendo a onipotência sexual reforçada, na medida em que conseguem provar que possuem condições para adquirir tais bens materiais.

Os coeficientes de correlação mais altos para os ado-

lescentes de 16-19 anos, significativos a nível 95%, situam-se entre os valores *justiça e cooperação* com a subestrutura do autoconceito *referência aos outros*.

Se admitirmos a etapa evolutiva e a situação social em que se encontram é esperado que haja uma busca de padrões de justiça com referência aos outros. Nesta fase surge uma preocupação com sentimentos coerentes entre imagens e idéias que permitam amenizar as inseguranças que sentem em relação ao seu eu no mundo. Faz-se necessário, portanto que os sistemas de princípios adotados pelos outros membros da sociedade sejam compreensíveis para eles, assim como o julgamento que lhes são atribuídos.

A relação causal do valor *cooperação* com *referência aos outros* pode ser explicada pelo fato de se encontrarem em situações idênticas dentro de uma instituição, onde é indispensável que saibam dividir com os colegas não só o espaço em que vivem, como também os materiais que lhes são proporcionados.

Aprender a compartilhar com os outros já é um hábito instalado desde a infância, quando as experiências com famílias numerosas possibilitaram processos de socialização baseados em atitudes de ajuda recíproca.

Este sentimento de lealdade e ajuda aos colegas os tornam mais dignos de confiança e os levam a um reconhecimento social importante para sua auto-imagem. Além disso, a identificação com o grupo de iguais, produz um sentimento de aliança com a conseqüente conscientização da diferença entre o "nós" e os "outros".

CONCLUSÃO

Os objetivos desta pesquisa foram atingidos, uma vez que foi possível analisar o perfil psicológico dos adolescentes infratores institucionalizados em função da estruturação do autoconceito e dos valores intra-grupais.

Quanto ao problema estudado, que diz respeito a influência dos valores sobre a hierarquização dos componentes do autoconceito, demonstrou-se, através da análise das subestruturas e categorias,que as oscilações e flutuações das percepções individuais são influenciadas pelas características psicossociais do grupo e variam conforme a faixa etária.

Os resultados levaram a confirmação das propostas do Modelo Teórico de L'Écuyer e a rejeição da tese da função monotônica na formação do autoconceito que implica numa sedimentação cumulativa e gradativa apenas, sem levar em conta sua dinâmica e multidimensionalidade.

Verificou-se através da avaliação do questionário do autoconceito uma tendência para média alta nos escores, resultados que são diferentes de demais estudos realizados nessa área que apontam a falta de confiança em si próprios e o baixo autoconceito como sendo as características específicas da personalidade dos adolescentes marginais.

De acordo com Scarppit (1971), os jovens institucionalizados por conduta anti-social apresentam baixo grau de autoestima.

A pesquisa realizada por Cardoso (1979) concluiu que

jovens institucionalizados por conduta anti-social apresentam médias mais altas do que os jovens não institucionalizados em relação ao sentimento de auto-estima,em decorrência de mecanismos de defesa que os fazem assumir características comportamentais de supervalorização.

O presente trabalho vem reforçar as conclusões destes autores, pois ressalta que os jovens infratores por se encontrarem inadaptados aos recursos oferecidos pela sociedade,tendem a se refugiar num grupo segregado, numa tentativa de mascarar sua impotência frente ao mundo e a si mesmos, suprindo o sentimento de insuficiência imposto a eles pela própria marginalização e discriminação social.

A crise de identidade do adolescente assume formas distintas de acordo com o contexto social do indivíduo. Estes jovens podem estar criando recursos adaptativos para lidar com a condição de desprivilegiados, ao se identificar com os valores da subcultura delinqüente, uma vez que junto aos seus companheiros são reconhecidos como fortes, corajosos e virís e este referencial social ainda que negativo sob o ponto de vista da classe dominante, desempenha um papel importante para uma resolução temporária desta crise de identidade.

Como já foi visto anteriormente, a adolescência é um período de crise, de contradição e ambivalência,e sendo assim o jovem infrator enfrenta não só a própria problemática da adolescência em geral, como também aquela advinda da discriminação social. Os obstáculos encontrados para a aquisição dos padrões de condutas oferecidos pela sociedade de consumo e a frustração de não alcançá-los de forma lícita que seria em

parte responsável pelo comportamento delinqüente.

Ficou evidente nesta pesquisa, que ao se interpretar as condutas de tais jovens deve-se ter sempre em mente a sua funcionalidade em relação a problemática social em que vivem. Os resultados do inventário de valores nos levam a redimensionar preconceitos de que a subestrutura delinqüente carece de regras ou condutas éticas, uma vez que demonstraram atitudes positivas,compatíveis com valores como justiça, moralidade e religião.

Estes dados enfatizam o conceito defendido por Poppovic (1972) sobre "marginalização cultural" como sendo um processo que está sendo sofrido e não uma condição negativa e estática, apontando a necessidade de se estudar os componentes desta cultura, desvinculada do referencial dotado pela classe dominante.

Por outro lado, levou-se também em conta, que a marginalidade apresenta-se como um fenômeno de desorientação psicológica dos indivíduos submetidos a uma situação conflitiva de atração e repulsão em relação à classe social mais favorecida e que tais sentimentos ambivalentes refletem-se na estruturação do autoconceito.

Considerou-se na análise e discussão dos resultados alguns destes mecanismos de ajustamento psicossocial bem como a importância da afirmação intra-grupal, baseada em pesquisas anteriores como as de Cruz e Esposito (1972) que afirmaram a existência da influência da opinião e do prestígio entre os colegas de turma na elaboração do autoconceito.

É evidente que o presente estudo encontrou limitações resultantes, por um lado da amostra reduzida e por outro da própria dificuldade na elaboração e adaptação do instrumento. Provavelmente a impregnância de determinados valores psicossociais observados nos resultados das avaliações,estejam relacionados com uma certa tendenciosidade nos critérios adotados para a escolha dos parâmetros e referenciais do grupo. Sugere-se que em estudos posteriores, haja um controle mais eficaz quanto à sua adaptação às características consideradas como predominantes para o grupo.

Este trabalho pretendeu rever os problemas do jovem infrator desde um ângulo mais aprofundado da sua condição sócio cultural, relacionando aspectos da formação do autoconceito com a estruturação dos valores do próprio grupo.

Uma das suas principais metas foi demonstrar que a delinqüência juvenil está presente nas sociedades, não como comportamento anti-social, assim afirmado pela maioria dos teóricos das ciências sociais, mas como um comportamento de alerta e de denúncia.

Alerta e denúncia no sentido de que algo ocorre de errado à nível do indivíduo em particular,a nível de núcleo familiar e institucional ou ainda à nível de estrutura sócio-econômica.

Se a grande parte desta população jovem vive numa sociedade que não lhe dá condições para um adequado desenvolvimento e uma participação ativa e assegurada, o que poderemos espe

rar deles como agentes de mudança ?

Este deverá ser um dos grandes desafios do momento crítico atual em que vive a sociedade brasileira, comprometida que está na busca de soluções para a defesa dos direitos humanos e para o combate da violência urbana e da marginalização.

O estigma da delinqüência é real em nossa sociedade e é tempo de eliminá-lo através dos esforços conjuntos tanto das entidades públicas e particulares como de toda a comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALTENFELDER, Mário - A Nova Política do Bem-Estar do Menor . FUNABEM, Assessoria de Relações Públicas, Publicação nº 1, 1966.

- BERNSTEIN, Brasil - "Language and social class British Journal of sociology", 11:271-276, 1960.

- BRASIL JOVEM - Revista editada pela FUNABEM, 1977, nº 37-38.

- BRASIL/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. O que é a FUNABEM ? Brasília, s/d.

- _____ - "O Menor - problema social" no Brasil e a ação da FUNABEM. Rio de Janeiro, FUNABEM, 1978.

- CAMPOS, Dinah, M.S. - "Escala para Medida de Valores entre Adolescentes, Pais e Professores". Arquivo Bras.Psicol., 34 (2): 97-109, Abr/Jun/1982.

- CARDOSO, S.E.S. - "O Baixo Grau de Auto-estima como um dos fatores que levariam o adolescente a comportamentos anti-sociais". Trabalho de Pesquisa II, Mestrado Psicologia, PUC/RJ, 1977.

- _____ - "Auto-estima e Crime - Base para o nexo entre Delinqüência Juvenil e Aspectos da Personalidade" - Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1979.

- CLOWARD, B.A.; OHLIN, L.E. - Delinquency and opportunity. A theory of delinquent gangs. Glencoe, III, The Free Press , 1960.

- COHEN, A. - Research in delinquent subcultures. Journal of Social Issues, 1958, nº 14, 20-37.

- COSTA, M.C.V.V. - Auto-Estima - Construção de um Instrumento de Medida e sua Utilização numa Pesquisa com Servidores Públicos Federais - Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1978.

- DINKMEYER, D. & DREIKURS, R. - "Encouraging Children to Learn: The encouragement process". New Jersey, Pretice Hall, 1963.

In: Cardoso S.E.S., Tese de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1979.

- ERIKSON, Erik - "Identidad, Juventud y Crisis, Buenos Aires , Paidos, 1971; Identidade, Juventude e Crise". Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- _____ - "Infância e Sociedade" , Rio de Janeiro, Zahar , 1976.

- ESPOSITO, Vera, L. & CRUZ, L.A. C. - "Autoconceito e sua Relação com Prestígio entre os Colegas, nível sócio-educacional e inteligência". Caderno de Pesquisa. São Paulo, 1972, (6): 36-44.

- EYSENCK, H.J. - Crime e Personality. London, Routledge & Kegan, P. 1964.

- FREUD, A - A Infância normal e patológica: determinantes do desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- FUNABEM - O "menor-problema social" no Brasil e a ação da FUNABEM. Ed. pela FUNABEM, Rio de Janeiro, 1976.

- GARCIA, Walter. Propostas Educacionais das Instituições de Menores Carentes no Estado de São Paulo. Cadernos de Pesquisa. 1977, (31): 81-85.

- GUERRA, Sérgio. Menores Marginalizados e Educação. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1978.

- GRIMBERG, L. e GRIMBERG, R. Identidad y Cambio. Buenos Aires, Ed. Kargieman, 1971.

- HARTMAN, H. - La Psicologia del Yo y el Problema de la Adaptación. México, Ed. Mondo Psicologico, 1961.

- JACOBSON, E. The Self and the Object World. N. York, International University Press, 1964.

- JOHNSON, Roger; JOHNSON, David & RINDERS, John. Effect of Cooperative, and Individualistic Experiences on Self-Esteem of Handicapped and Nonhandicapped Students. Journal of Psychology. 1981, 108: 31-34.

- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - Vocabulário de Psicanálise . Santos, S. Paulo, Liv. Martins Fontes, 1970.

- LEBRET, L.J. Rios, J.A. Medina, C.A. Modesto e colaboradores. - "Aspectos humanos da favela carioca". O Estado de São Paulo (suplemento especial). Abril de 1960. Em Pfromm, S. Psicologia da Adolescência, São Paulo, Ed. Pioneira, 1971.

- L'ÉCUYER - "Le concept de Soi". Paris, PUF, 1978.

- KNOBEL, M. - "Psicologia de la Adolescência". Ed. La Pablo , 1962.

- KNOBEL, M. e ABERASTURY, A. - "Adolescência Normal". Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1981.

- KVARACEUS, W.C. e MILLER, W.B. - "Delinquent Behavior - Culture and the individual". Washington: Juvenile delinquency project, National Education Association, 1960. Em Pfromm , S. Psicologia da Adolescência. São Paulo, Ed. Pioneira , 1971.

- MASLOW, Abraham. Introdução à Psicologia do Ser. (trad.) Rio de Janeiro, Eldorado, s/d. ("copyright" original de 1968).

- MERTON, R. K. - "Sociologia - Teoria e Estrutura", São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1970.

- MILLER, W.B. - Lower class culture as a generating milieu of gang delinquency. Journal of Social Issues, 1958, (vol. 14) nº 13, 5-19. Em Cardoso S.E.S., Dissertação de Mestrado , Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1979.

- NOSHPITZ, J.D. - The antisocial or asocial adolescent. Separata do Pediatric Clinics of North America, 1960, 7, nº 1 , 97-114.

- PATTO, M.H. e Walter, G.P. - "Privação Cultural e Desenvolvimento", São Paulo, Pioneira, 1975.

- PFROMM, S. - Psicologia da Adolescência. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.

- PIAGET, J. "Para onde vai a Educação?" (Trad.) Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

- POPPOVIC, A.M. - "Atitudes e Cognição do marginalizado cultural". Revista Brasileira de estudos Pedagógicos, 57 (126): 244-54, abr/jun 1972.

- POE, R.E. - The effects of observer self concept on imitation. Dissertation Abstract International, sept. 1975, nº 3, vol. 36.

- PURKEY, W. - "Self-concept and school achievement". New Jersey, Prentice Hall, 1970.

- RIBEIRO, Maria da Graça. - "A crise de identidade na adolescência, importância do contexto ambiental". Tese de Mestrado, PUC/RJ, 1979.

- ROGERS, C.R. - "Tornar-se Pessoa" (Trad.), Lisboa, Moraes , 1970.

- _____ - "Client - centered Therapy". The Riverside Press, Cambridge Massachusetts, U.S.A., 1951.

- SCARPPIT - In Cardoso, S.E.S. "Auto-estima e crime - Base para o nexo entre Delinqüência Juvenil e Aspectos da Personalidade" - Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1979.

- SMITH, V.A. - Perceived Value Deprivation as a predictor of self-destructive behavior. Dissertation International Abstract, sept. 1975, vol. 36 (3B), 1419).

- SUPER, D.E. - "La Medida de las Aptitudes Profissionales", Espaso, Calpe, S.A., Madrid, Espãna, 1966.

- SYMONDS, P.M. - The Ego and The Self. Em Ribeiro M.G. A crise de identidade na adolescência, Tese de Mestrado, PUC/RJ , 1972.

- TABA, Hilda. - "The moral beliefs of sixteen-year olds". Em Ieidman, J.M. (Ed.), "The adolescent - a book of reading". Ney York. Holt, Rinehart and Winston, 1960.

- WHITAKER, J.O. - Psicologia. Rio de Janeiro, Ed. Interamericana Ltda., 1977.

ANEXO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Escola:
- Sexo:
- Idade:
- Nível de Escolaridade:

Assinale somente uma das alternativas (SIM ou NÃO)

	SIM	NÃO
1) Sei que sou mais esperto que a maior parte dos meus colegas	( )	( )
2) Acho certo um rapaz abusar de uma menina que se encontra drogada	( )	( )
3) Sinto-me livre para fazer tudo aquilo que penso e quero	( )	( )
4) Tenho fé em Deus	( )	( )
5) Aceito a punição como a única forma de corrigir as pessoas	( )	( )
6) Às vezes conto mentiras, porque se falar sempre a verdade, posso ser repreendido	( )	( )
7) Sinto-me bem cooperando com as autoridades	( )	( )
8) Acho certo alguém matar para defender a própria honra	( )	( )
9) Prefiro sair para passear com um amigo que está com grana do que com um muito duro	( )	( )
10) Para obter o que quero eu utilizo qualquer meio	( )	( )
11) Desagrada-me a idéia de entrar em qualquer tipo de competição	( )	( )
12) Se sei que minha irmã está de namoro com um rapaz aproveitador, aconselharei para que ela termine com o namoro	( )	( )

	SIM	NÃO
13) Sinto-me obrigado a obedecer às autoridades na rua	( )	( )
14) Respeito as práticas tanto da igreja católica como as da umbanda, do candomblé ou de centro espírita	( )	( )
15) Acho injusto quando um colega trapassa o outro no jogo sem que este perceba	( )	( )
16) Acho certo mentir para os pais com a finalidade de sair escondido com os amigos	( )	( )
17) Se vejo um amigo envolvido em dificuldade , procuro socorrê-lo mesmo que eu possa vir a me machucar	( )	( )
18) Se algum rapaz bole com a minha namorada numa festa, eu vou embora e evito briga	( )	( )
19) Acho certo uma pessoa casar com a outra somente para melhorar de vida	( )	( )
20) O esforço é mais importante do que a sorte para uma pessoa obter sucesso na vida	( )	( )
21) Considero os meus trabalhos sempre inferiores aos dos meus colegas	( )	( )
22) Só considero o roubo algo errado quando é praticado à alguém mais pobre do que eu	( )	( )
23) Penso que sou livre para discutir as normas que me são impostas	( )	( )
24) Acho a religião desnecessária na minha vida	( )	( )
25) Acho justo um pai dar mais coisas para um filho que para o outro	( )	( )
26) Só sou sincero com meus amigos,para as autoridades, costumo mentir	( )	( )
27 Procuro cooperar somente com as pessoas boas para mim	( )	( )

	SIM	NÃO
28) Para defender minha honra eu entro em qualquer tipo de briga sem pensar muito no medo	( )	( )
29) Só gosto de namorar meninas que andem bem vestidas	( )	( )
30) Prefiro ganhar dinheiro sem fazer força ao invés de dar duro trabalhando	( )	( )
31) Quando jogo com meus colegas estou sempre preocupado em ganhar	( )	( )
32) Possuo uma moral para guiar meu comportamento	( )	( )
33) Acho que a minha liberdade termina quando começa o direito dos outros	( )	( )
34) Acredito que se rezar sempre, poderei melhorar de vida	( )	( )
35) Cada pessoa recebe a justiça que merece	( )	( )
36) Sempre que conto mentiras, alguém descobre a verdade	( )	( )
37) A cooperação é fundamental para o progresso dos indivíduos e da sociedade	( )	( )
38) Costumo desonrar a minha família	( )	( )
39) Desprezo aqueles que valorizam as pessoas apenas pelo bem material que elas possuem	( )	( )
40) Prefiro colar na prova a ter que me matar estudando	( )	( )

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Escola:
- Nome do Aluno:
- Idade:
- Sexo:
- Nível de Escolaridade:

Este questionário consta de itens que poderão ajudar você a se conhecer melhor. Sua resposta deverá estar mais próxima do que você pensa sobre si mesmo.

Assinale somente uma das alternativas (SIM ou NÃO)

	SIM	NÃO
1) Tenho curiosidade em saber o que as pessoas pensam de mim	( )	( )
2) Estou satisfeito com minha aparência física	( )	( )
3) Ofendo-me com facilidade	( )	( )
4) Meus interesses variam de acordo com o grupo em que estou	( )	( )
5) Tenho algumas qualidades que me satisfazem bastante	( )	( )
6) Algumas partes do meu corpo eu gostaria que fossem diferentes	( )	( )
7) Meu comportamento está de acordo com o meu estilo de vida	( )	( )
8) Já me defini em relação aos valores que acho mais importantes na vida	( )	( )
9) Tenho dificuldade em ajudar às pessoas quando solicitado	( )	( )

	SIM	NÃO
10) Considero o sexo fundamental na vida de uma pessoa	( )	( )
11) Surpreendo-me com certas reações minhas	( )	( )
12) Consigo me definir com facilidade em situações difíceis	( )	( )
13) Creio que sou uma pessoa com boa aparência	( )	( )
14) Vario muito no meu modo de ser	( )	( )
15) Em geral sou receptivo aos convites dos meus amigos	( )	( )
16) Acredito que exerço atração sobre o sexo oposto	( )	( )
17) Considero que tenho mais qualidades do que defeitos	( )	( )
18) Minhas aspirações são muito limitadas	( )	( )
19) Muitas vezes a opinião dos outros me confunde	( )	( )
20) Prefiro ser procurado pelos amigos do que procurá-los	( )	( )
21) Sempre procuro fazer da melhor forma possível os meus trabalhos	( )	( )
22) Tenho receio de emprestar meus objetos pessoais aos outros	( )	( )
23) Tenho dificuldade em escolher uma crença religiosa	( )	( )
24) Acredito ter algum domínio sobre meus amigos	( )	( )
25) Geralmente desagrada-me dividir meus amigos com os outros	( )	( )
26) De modo geral sou estável nas minhas atitudes	( )	( )
27) Tenho dificuldade em saber do que gosto	( )	( )
28) Reconheço ter menos competência do que muitos amigos meus	( )	( )

	SIM	NÃO
29) Aspiro ser alguém importante	( )	( )
30) Tenho noção das minhas dificuldades	( )	( )
31) Identifico-me bastante com os valores da sociedade em que vivo	( )	( )
32) Sinto-me inseguro sempre que tenho que tomar uma decisão importante	( )	( )
33) Acredito que cada pessoa possa viver sua vida da maneira que bem entenda	( )	( )
34) Dou muito valor à minha pessoa	( )	( )
35) Sinto-me confuso quanto às minhas experiências sexuais	( )	( )
36) Na relação com as outras pessoas assumo meus sentimentos	( )	( )
37) Aceito bem o fato de ser liberado	( )	( )
38) As outras pessoas reconhecem meu valor pessoal	( )	( )
39) Idealizo muito a pessoa que quero ser	( )	( )
40) Sinto certa dificuldade em me aproximar de uma pessoa que me atrai sexualmente	( )	( )
41) Geralmente sou muito dependente dos outros	( )	( )
42) Tenho facilidade em definir meu papel social	( )	( )
43) Sinto-me bem quando ajudo outras pessoas	( )	( )
44) Tenho dificuldade em aceitar críticas	( )	( )
45) Resolvo sozinho meus problemas	( )	( )
46) Estou insatisfeito com meu modo de vida	( )	( )
47) Sou inseguro em relação ao meu futuro profissional	( )	( )
48) Tenho interesse em livros de educação sexual	( )	( )
49) Sou independente ao tomar decisões	( )	( )
50) Procuro imitar as pessoas que admiro	( )	( )

RESPOSTAS DO INVENTÁRIO DE VALORES, AGRUPADOS POR ITENS, PARA O GRUPO 12-15 ANOS - N = 40

VALOR	COMPETIÇÃO				PONTOS	SOLIDARIEDADE				PONTOS	LIBERDADE				PONTOS	RELIGIÃO				PONTOS	JUSTIÇA				PONTOS	SINCERIDADE				PONTOS	COOPERAÇÃO				PONTOS	HONRA				PONTOS	VALORIZAÇÃO BENS MATERIAIS				PONTOS	VALORIZAÇÃO ESFORÇO				PONTOS
ITEM	N	S	S	S		S	S	S	S		S	S	S	S		S	S	N	S		S	S	S	S		S	N	S	S		N	S	S	S		S	N	S	N		N	S	S	S		S	S	N	S	
ALUNO	1	11	21	31		2	12	22	32		3	13	23	33		4	14	24	34		5	15	25	35		6	16	26	36		7	17	27	37		8	18	28	38		9	19	29	39		10	20	30	40	
01	S				2	N	S			3				N	3		N			4		N			2		N	N		3					3	N		N	N	1				N	3		N		N	1
02	S		N		3	N				4		N	N	N	1		N	N		3	N		N		3		N			4					1		N		N	4	N	N	N	N	2			N		4
03	S			N	1	N	S			2			N		3		N	N		3				N	2			N	N	2		N		N	N	0	N		N	N	1					2		N	N	N	2
04	S		N		3	N				4	N	N	N		1			N		4	N	N	N		2		N			4	N			N	3		N			3	N	N			4		N	N	N	2
05	N		N		3	N				4	N	N	N	N	0			N	N	3	N		N		3		N			4				N	3		N		R	2	N	N	N		3		S			2
06	S	N	N		4	N				4				N	3			N		4			N		4		N			4					3	N			N	2			N		3				N	N	3
07	N	N	N		4	N				3		N	N	N	1					3	N		N		3		N			4	N	N			3		N		N	4	N	N			4		N			2
08		N	N		3	N				4		N			3			N		4			N		4					3					3			N		1	N	N	N		4			N		4
09	S		N		3	N				2		N	N		2			N		4	N	N	N		2		N			4	N				4		N	N		2			N	N	2				N	2
10	S		N		3					3		N		N	2			N		4			N		4					3	N			N	3		N		N	4	N	N	N		3		N			2
11	S	N	N		4	N				3					4			N		4	N		N		3		N			4					3		N	N		2	N	N	N		1			N	N	3
12		N	N		3	N				4		N	N		2			N		4					3		N		N	3	N				4			N	N	2	N	N	N		3			N		4
13	N		N		3	N				4		N	N	N	1			N		4			N		4		N			4					3		N		N	4	N	N	N		3		N			2
14		N			2	N				4	N	N			2					3	N				2				N	3	N			N	4					2	N				3					3
15					1	N		N		2		N			3					3					3		N			3					2	N				2	N	N	N	N	2	N		N		2
16		N	N	N	2	N				4	N	N		N	1			N		4	N		N		3		N		N	4	N			N	4		N		N	4	N	N		N	3				N	2
17		N		N	3	N				3			N	N	2			N		4	N				2	N	N		N	1	N	N			2				N	2					2	N		N	N	2
18	N		N		3					3	N	N	N		1			N		4			N		4					3	N			N	4		N		N	4	N	N	N		3			S		4
19	N	N		N	2	N				4	N	N			2			N		4	N		N		3		N		N	3				N	1			N	N	2	N	N			4	N	N	N	N	1
20	N		N		3	N				4			N		3			N		4					3		N			4					3	N			N	4	N	N			4			N		4
21	N		N		3	N				3	N	N	N	N	0			N	N	3	N		N		3		N			4	N			N	1	N			N	4	N	N	N	N	2		N			2
22	N	N	N		4	S				3		N	N	N	1			N	N	3	N	N	N		2					3	N	N			2	N				3	N	N			4		N			2
23	N		N		3	N	N			2		N	N		2		N	N	N	2					3	N	N			3					3	N			N	4	N	N			4	N	N			2
24	N	N	N		4	N				4		N	N	N	1					3	N	N	N		2					3	N	N			3	N			N	4	N	N			4		N		N	1
25	S		N		3	N	S			2		N	N		2		N	N		3					3	N				2				N	3	N			N	4	N	N			4	N	N			1
26	N	N			3	N				4	N	N	N	N	0			N		4			N		4		N			4					2	N		N	N	3	N	N	N		3		N	N	N	1
27	N		N		3	N				3	N		N		3			N		4			N		4					3	N			N	1	N			N	4	N	N	N	N	2		N			2
28	N		N		3	N				4		N	N	N	0			N		4	N		N		3		N			4	N				3	N			N	4	N	N	N		3		N			2
29	N	N	N		4	N				4					4			N		4	N	N	N		2	N	N	N		2					3	N			N	4	N	N	N		3		N		N	1
30	N	N	N		4	N				4			N	N	2			N		4			N		4		N	N		3					3	N			N	4	N		N	N	1	N		N	N	3
31	N	N	N		4	N				3	N	N	N	N	0			N	N	3	N		N		3		N			4	N			N	1	N			N	4	N		N		2		N	N		2
32	N	N	N		4	N				3		N	N	N	1			N	N	3	N	N	N		2					3	N	N		N	2	N			N	4	N	N			4		N			2
33	S	N			3	N				3		N	N	N	1			N		4			S		4		N			4					2	N		N	N	4	N		S		3		N	N	N	2
34	N		N		3	N				4			N		3			N		4					3		N			4				N	3	N			N	4	N	N	N	N	2		N			2
35	N	N			3	N				3			N	N	2			N		4	N		N		3		N	N		4					2				N	2	N	N	N		3			N	N	4
36		N	N		3	N				4		N			3			N		4			N		4				N	2					3	N	N			2	N	N	N		3			N	N	3
37		N			2					4	N	N		N	1			N		4	N	N		N	2					2				N	3	N			N	4	N				1				N	2
38					1					3				N	1			N		4					3					3					2				N	3	N	N	N	N	3			N		4
39	N	N		S	2	N				3	N			N	3			N		4	N		N		3		N			4					3				N	3	N	N			4	N		N	N	3
40	S	N			3	N				3	N	N	N	N	0			N		4			N		4					3	N				1				N	3	N	N	N		3			N	N	3
TOTAL	34	21	29		117	5				113	13	17	26	23	70	0	4	36	6	144	20	9	29	1	120	7	26	6	3	131	17	6	2	14	113	4	27	10	32	133	33	33	23	3	115	1	21	21	18	93

RESPOSTAS DO INVENTÁRIO DE VALORES, AGRUPADOS POR ITENS, PARA O GRUPO 16-19 ANOS - N = 40

VALOR / ITEM / ALUNO	COMPLETIDÃO				PONTOS	MORALIDADE				PONTOS	LIBERDADE				PONTOS	RELIGIÃO				PONTOS	JUSTIÇA				PONTOS	SINCERIDADE				PONTOS	COOPERAÇÃO				PONTOS	HONRA				PONTOS	VALORIZAÇÃO BENS MATERIAIS				PONTOS	VALORIZAÇÃO ESFORÇO				PONTOS
	S	N	N	S		S	S	S	S		S	S	S	S		S	S	N	S		S	S	N	S		S	N	S	S		N	S	S	S		S	N	S	N		N	N	S	S		S	S	N	S	
	1	11	2	3		2	12	22	32		4	14	24	34		5	15	25	35		6	16	26	36		7	17	27	37		8	18	28	38		9	19	29	39		10	20	30	40	
01	N	N	N	N	3	N				4	N	N	N		1	N	N	N		2	N		N		3	N	N	N		3					3	N	N	N		1	N	N	N	N		2		N	N	
02	N	N			1	N	N			1		N	N		2	N	N			3					1	N	N			1		N			2					3	N				3	N		N		1
03	N	N	N	N	1	N				4					4		N			4		N	N	N	2		N	N		2	N				4		N	N		4		N	N		4				N	2
04		N	N		1	N			N	3		N			1		N			4	N				2	N				2	N				4		N	N		4	N	N			4				N	2
05	N	N	N		4	N				4					4		N	N		3	N	N	N		2	N	N		N	2		N	N		1		N	P		4	N	N			4				N	2
06	N	N			3	N		N		3			N	N	2		N			4			N		4	N	N	N		2			N		2	N		N	N	1	N		N	N	1	N		N	N	2
07	N				2	N				3		N			3		N			4	N	N	N		2		N	N		3			N		2		N	N	N	3	N	N			4	N		N	N	2
08	N	N	N		4	N				4		N	N	N	1		N	N		3	N	N			1		N		N	3	N		N	N	2				N	2		N			3	N				2
09		N	N		3	N				4		N			3		N			4		N	N		3	N			N	1	N				4				N	3		N		N	2					3
10			N		2	N				4	N		N	N	1		N			4			N	N	3		N	N	N	2	N				4				N	3	N	N			4	N		N		1
11	N	N	N	N	3	N				4					4		N	N		3	N	N	N		2	N	N			3	N		N		3		N		N	4	N	N			4	N		N	N	2
12		N		N	1	N	N			3		N	N		2		N			2			N		4		N			4					3				N	3	N			N	1			N		4
13	N				2	N			N	3					4					3		N	N		3		N	N		3	N				4	N			N	2	N				3			N	N	3
14		N			2	N				4	N				1			N		4	N			N	1	N	N		N	1	N				4					2	N	N	N		3			N		4
15					1	N	N		N	2					4		N			2	N				2		N		N	3				N	2			N	N	2	N	N	N		3		N			2
16	N			N	1	N			N	3	N		N		2			N		4		N			2	N	N		N	2					3	N		N	N	1	N	N	N	N	2					3
17	N		N		3	N			N	3				N	3		N			2		N		N	3		N		N	3					3	N	N		N	2	N	N	N	N	2			N	N	3
18	N	N	N	N	3	N				4	N			N	2		N			2	N	N	N		2			N		2	N		N		2				N	3	N			N	1			N	N	3
19	N	N	N		4	N				4	N			N	2			N		4			N		4		N			2					3				N	3					2	N		N	N	2
20	N	N			3	N			N	3			N		3		N			2		N			1		N	N		3	N			N	3	N		N		0	N	N			4				N	N	3
21		N		N	1		N		N	2		N	N	N	1		N			2		N	N		3	N	N	N		2	N			N	3	N	N	N	N	2	N	N	N	N	2	N		N		3
22	N	N	N		4	N				4	N	N		N	1			N		4				N	4	N	N			3					3		N		N	4		N		N	2	N		N	N	2
23	N	N	N		4	N	N			3	N	N	N		1			N	N	3	N			N	N	2			N	N	1	N		N		3		N		N	4	N	N	N	N	2	N	N		N	0
24		N		N	1	N			N	3					4					3		N	N		3		N	N		3					3				N	3					1			N	N	3
25		N			2	N				4				N	3			N		4		N			2		N	N		3				N	2		N			3	N				3				N	4
26		N			2	N				4					4					3		N	N		3		N		N	3				N	2	N		N		3		N			3				N	2
27		N			2	N	N			3	N	N			2			N	N	3	N	N		N	N	1		N		N	3	N				4				N	2	N	N			4	N		N	N	2
28	N	N	N	N	3	N				4			N		3			N		4		N	N		3		N	N		3					3	N			N	2	N	N	N		3			N		4
29		N			2	N			N	3			N	N	2					3		N	N		3	N	N			2	N		N		2		N		N	4		N			3	N		N	N	2
30		N			2	N				4					4					3					1		N		N	3					3	N	N		N	3	N	N			4					3
31	N				2	N	N			1				N	3					3			N	N	3	N	N			2					3		N		N	4	N	N			4				N	2
32		N			2	N				4			N		3			N		4	N			N	2		N		N	3				N	2		N	N	N	3	N	N		N	3			N	N	3
33	N	N	N		4	N			N	1			N		3			N		4		N		N	3	N	N		N	2					3	N			N	N	1	N	N	N		3	N		N	N	2
34		N		N	1	N				4					4			N		4		N			2		N			4					3				N	3	N		N		N	3				N	4
35	N				2	N	N			3	N			N	2			N		4		N	N		3		N			4					3				N	3				N	N	0			N	N	3
36	N			N	1	N	N			3				N	3			N		4		N	N		3	N	N	N		2					3				N	3	N	N		N	N	3	N		N	N	2
37	N	N	N	N	3		N		N	1				N	3			N	N	3	N	N		N	N	1	N	N		N	2	N				2		N		N	4	N	N		N	3	N		N	N	2
38	N				2	N		N	N	3	N	N	N		1					1			N		4		N			4	N				4					2	N	N		N	1				N	3
39	N	N			1	N		N		3	N		N		2			N		4	N	N	N		1		N	N		3	N			N	2		N			3	N	N	N	N	3			N	N	3
40	N	N		N	2	N		N		3	N			N	2			N		4	N	N	N		2	N	N	N		2		N			2	N		N	N	1	N	N		N	3	N		N	N	2
TOTAL	27	9	19	13	108	38	10	13	19	135	13	16	16	17	103	8	25	6		132	13	25	31	8	102	16	35	23	11	104	17	4	5	8	113	1	17	10	35	107	31	31	13	19	112	19	2	25	25	102

RESPOSTAS DO TESTE DE AUTOCONCEITO, AGRUPADOS POR ITENS, PARA O GRUPO 12-15 ANOS N = 40

ITENS	SELF-SATISFAÇÃO					POS	REFERÊNCIA AOS OUTROS					POS	VALOR DO SELF					POS	ATIVIDADE DO SELF					POS	IMAGEM DO SELF					POS	PREOCUP. E ATIV. SOC.					POS	SELF-PESSOAL					POS	REFERÊNCIA AO SEXO					POS	IDENTIDADE DO SELF					POS	OPINIÃO DOS OUTROS					POS
ITEM	S	S	N	S	N	TOS	S	N	S	N	S	TOS	S	S	S	S	N	TOS	S	S	N	S	S	TOS	N	N	S	S	N	TOS	N	S	N	S	S	TOS	N	N	N	S	S	TOS	S	S	N	N	S	TOS	S	N	N	N	S	TOS	N	N	S	N	S	TOS
ALUNO	1	2	5	13	28	S	1	4	25	36	41	S	5	12	21	30	39	S	8	12	32	42	49	S	3	4	17	33	46	S	3	15	20	24	43	S	18	22	27	29	37	S	10	16	35	41	48	S	7	11	23	34	31	S	1	21	14	45	16	S
01			N		N	5			N		N	5					N	5			N			5			N			3	N	N				3	N	N				4			N	N		5			N	N	N	2	N					3
02	N		N		N	4	N				N	3						4					N	3			N	N	N	1	N			N		3	N				N	2						2					N	2	N		N			4
03	N		N		N	4			N		N	5	N					3	N				N	2	N		N			4	N			N	N	2	N			N	N	1			N		N	1					N	1	N			N		3
04		N	N		N	4	N	N				3				N	N	N	3				N	N	1	N				3						3						1						4	N	N			N	2			N			4
05					N	4	N			N		3				N			3	N				N	2	N	N		N	N	4	N			N		3	N				N	3	N		N			3			N	N		3			N		N	3
06	N		N		N	4			N		N	5					N	3	N		N			4	N	N		N	N	4	N			N		3	N				N	2			N			4			N		N	2	N					4
07	N	N			N	2					N	4				N	N	2		N	N			4				N		1	N	N	N		N	3						3				N		4	N		N		N	2	N					4
08	N	N				1		N				4						4	N			N		2	N		N			2	N			N		3		N	N			4			N			4		N	N	N		3	N					3
09		N			N	3				N	N	3						4						4						2	N			N		3	N					3	N	N	N			2	N			N	N	0						3
10			N			4		N		N	N	4	N		N			2	N	N				3	N	N				4						3			N			3						3			N	N		3	N		N			5
11				N	N	3	N	N			N	2						4	N		N	N		3	N	N	N	N		3	N	N	N	N		3	N				N	2			N	N		5						3	N			N		3
12						3		N	N		N	2						4	N	N		N		1	N	N	N			3			N	N		3	N		N			4		N	N		N	2						2			N			4
13						3				N		4						4	N					3	N	N				4						3	N		N			4			N	N		5						2			N		N	3
14						2		N	N	N		4		N			N	3	N		N		N	3	N	N	N			3	N	N			N	2		N	N			4				N		4		N			N	4	N			N		3
15				N		2		N	N			3		N				3		N				3	N	N	N			3						2	N	N			N	3			N			3			N	N	N	2			N			4
16			N		N	3		N				4						4			N			5	N	N		N		3	N	N			N	2	N		N		N	3			N	N	N	3			N	N	N	2			N			3
17						3		N		N		5						4	N					3	N	N				4	N			N		3			N			3			N			4			N	N	N	2			N			4
18						3		N				4						4	N		N			4	N					2	N					4	N					3			N	N		5				N	N	2			N			4
19						3		N		N		5						4						4	N					3				N		2						2			N		N	3				N	N	2			N			4
20		N				2	N	N				3						4			N			5						2				N		2	N					3				N		4		N	N		N	3			N	N		3
21				N		2				N		4	N				N	4		N			N	3	N	N			N	3				N	N	1						2						2			N			3	N		N			3
22	N					2					N	2	N				N	3	N				N	4	N	N		N	N	4	N		N	N		3	N	N	N	N		4				N		4		N		N	N	3	N		N			5
23	N		N		N	4		N		N		5	N		N			2	N	N			N	1	N	N			N	5	N			N		3	N				N	1			N			4		N		N	N	2			N			4
24	N	N		N	4			N	N	N		4		N		N	N	1	N	N				2				N	N	2		N		N		1				N	N	0			N	N	N	4		N	N	N	N	2			N			4
25	N	N		N	4	N	N				N	3					N	5				N		3	N	N		N	N	4	N					4	N	N	N		N	3			N	N		5		N	N	N	N	3			N		N	3
26			N	N	N	4				N		4						4						4	N	N	N			3				N		2			N			3		N	N	N		4			N			3						3
27	N		N	N		2		N		N	N	4	N		N	N	N	2		N	N	N		3	N	N		N		3						3	N	N	N	N		3			N		N	4			N	N		3						4
28		N	N		N	4	N	N	N	N		3						4	N					4		N				4				N		2		N		N		2			N			4			N	N		2	N	N	N		N	2
29		N	N		N	4		N				4						4	N	N		N		1	N	N				4	N	N				3	N		N			4			N	N		5				N	N	1			N	N	N	2
30					N	4		N	N			3	N					3	N	N				2			N		N	4	N				N	3	N				N	1			N			4					N	1	N					3
31				N	N	5		N		N		5		N	N			2	N	N				2	N	N				4	N	N				3	N	N	N			4			N			4	N				N	2	N					5
32	N	N	N		N	3		N	N	N		4						4					N	3	N					3	N			N		3	N		N			4			N			4					N	2	N					4
33			N		N	5	N			N		3	N					3	N			N		2					N	2				N		2		N	N			4			N			4	N				N	1					N	2
34	N		N			3				N	N	3	N				N	4			N			5		N				3	N			N		3	N	N	N			5						3			N	N		4					N	3
35		N			N	5	N			N		3	N					3						4	N	N				4	N			N		3		N	N			4						4			N			2	N		N			4
36		N	N			3	N	N	N	N	N	2	N				N	4	N					3	N	N	N			3	N			N		3		N	N	N		3			N			4						2						3
37	N	N		N		0						3						4						4	N	N				4						3						2						2						2						3
38						3		N				4					N	5	N				N	2		N	N			2				N		2			N			3						3			N	N		3						3
39					N	4		N	N		N	2			N			3	N	N			N	1	N	N	N		N	4			N	N	N	2	N		N			4			N	N		5			N	N	N	2	N		N			5
30	N		N			3	N			N		3	N	N			N	1			N			5		N	N			2	N		N	N	N	4	N	N				4			N			4				N	N	1	N		N			5
TOTAL	26	30	21	14	22	113	29	29	27	30	25	142	28	35	31	33	9	117	18	29	11	25	36	119	28	30	27	28	10	126	24	31	6	13	15	110	24	14	22	31	29	120	38	38	28	15	32	151	34	9	23	15	13	94	15	19	24	31	30	119

RESPOSTAS DO TESTE DE AUTOCONCEITO, AGRUPADOS POR ITENS, PARA O GRUPO 16-19 ANOS N=40

SUBES	SELF-SOMA-TRUTURA						REFERÊNCIA AOS OUTROS						VALOR DO SELF						ATIVIDADE DO SELF						IMAGEM DO SELF						PROOCUP. E ATIV.SOC.						SELF-PES-SOAL						REFERÊNCIA AO SEXO						INTENSIDADE DO SELF						OPINIÃO DOS OUTROS					
ITEM																																																														
PADRÃO	1	2	6	12	26		14	21	4	42	30		5	21	31	39	47		8	12	32	42	49		3	4	17	35	36		9	15	20	24	43		18	22	27	29	37		10	16	32	41	48		7	11	23	26	31		13	14	44	47	34	
01			N			4						3		N		N	N	3			N			5	N	N				4	N			N		3			N	N		2			N	N		5			N	N	N	2						3
02	N		N		N	4	N					2						4						4	N	N	N			3	N		N	N		4	N					3						2		N				5						3
03			N			4				N		5						4					N	3						2				N		3				N		4						4		N	N	N		4	N				N	3
04			N	N		3	N	N		N	N	3					N	5	N	N		N		1		N				3	N					3	N	N				4			N	N	N	4	N					3					N	2
05			N			4	N		N	N		2		N		N		2			N			5					N	3				N	N	1	N		N		4			N	N		5			K			4		N	N		N	2
06	N		N			3	N	N		N	N	3	N				N	4	N		N		N	3	N				N	4	N			N		3			N			3						3			N		N	3	N					4
07			N		N	5		N		N	N	4						4			N			5		N			N	4	N		N			5	N	N	N			5			N	N		5			N		N	3	N					4
08						3				N	N	3	N	N	N			1			K			5					N	3	N					4						2		N	N	N		4		N		N	N	2	N					4
09						3				N		4	N	N	N		N	2						4						2	N					4			N			3		N	N	N	N	3		N			N	3	N				N	3
10			N		N	5				N		4						4				N		3		N				3				N		2						2					N	2					N	2	N				N	3
11		N			N	3						3						4		N				3		N	N			3	N					4		N				3		N				2			N	N		3			N	N	N	2
12	N					2				N		4						4				N		3	N	N	N			3			N			2			N	K		4						4	N					4	N					4
13			N	K		3				N		4		N				3	N		N	N	K	2			N		N	3	N					4	N			N	N	1		N	N	N		4		N		K		3	N	N	N			4
14			K		N	5		N		N		5			N			3	N					3					K	2	N		N		N	2					N	1	N						1		N	N			3	N		N	N	N	3
15			K			4				N	N	3			N	N		2			N		K	2						2			N			4		N				3						4						3	N					2
16	N		N			3		N			N	3		N		N		2						4						2				N	N	1						2			N	N		3	N		N	N		2		N				2
17			N			4	N	N		N	N	3						4		N	N	N	N	2		N			N	4	N			N		3		N			N	2			N	N		5	N		N			3	N		N			5
18	N	N	N			2		K				4	N				N	4		N		N		2	N		N		N	3	N		N	N		4			N			3			N	N		5			N		N	3	N			N		5
19			N			4				N		4		N	N			2			K			5	N		N		K	3	N					4	N			K		2				N		4				N		2						3
20	N		N		N	4	N					3				N		3					N	3		N				3					N	2		N	N			4	N					2			N			4	N				N	5
21		N	K			3		N				4			N	N	N	3				N		3					N	3						3			N			3			N			4		N				4			N			4
22			N			4		N				4						4						4	N		N			4						3	N			N		2		N			N	1		N	N			5						3
23			N		N	5	N	N		N		4						4					N	3	N		N		N	3	N			N		3		N				3					N	4			N		N	3	N		N		N	4
24	N	N	N		N	3		N		N	N	4					N	5			N	N		4		N	N			2			N	N		3		N	N	N		3	N	N	N	N	N	2		N	N		N	4						3
25	K		N			3		N				4					N	5		N		N		2	N		N			2		N		N	N	0	N	N		N	N	2					N	2					N	2		K		N		3
26			N		N	5				N	N	3						4	N	N				2		N				3	N	N	N	N		4						2			N	N		5			N		N	3				N	N	3
27	N		N			3		N			N	3	N					4			N		N	4	N	N	N		N	4	N			N		3			N			3			N	N		5		N	N		N	4			N			4
28			N		N	5		K		N	N	4						4	N					2	N			N	N	3						3			K			3			N	N	N	4			N			4	N					4
29			N			4	N	K		N		4					N	5		N				3		N			N	4	N	N				3			K			3			N			4			N		N	3			N			4
30			N			4	N	N			N	2						4			N	N		4	N	N			N	5	N		N			5			K			3		N		N		3		N		N		3			N			4
31			N	N	N	4		K		N		5					N	5		N	N	N	N	2	N	N			N	5	N	N		N		2			N			3			N	N	N	4	N	N	N		N	3	N					4
32			N	N		4						3						4						4	N	N				4						3		N	N			4	N					2	N		N			3			N	N		3
33			N		N	5	N			N	N	2	N		N		N	3	N		N			4	N	N	N	N		2	N			N		3			N			3				K		4	N	N	N		N	3					N	2
34			N			4		K			N	3		N			N	4	N			N		2			N	N	N	1				N		2		N	K		N	3		N		K		3	K		N			3		N			N	1
35			N		N	5		N		N	N	4						4			N			5		N			N	4	N		N			5	N	N	N			5			N	N		5			N		N	3	N					4
36	N		N			3					N	2			N			3						4	N		N		N	5				N		2	N	N	N			5					N	2		N			N	3	N		N		N	4
37	N		N			3	N			N	K	2		N		N		2	N					3	N		N		N	1	N			N	N	2			N			5		N	K			3						3			N			4
38			N		N	5		K				4					N	5			N			5	N		N		N	5	N					4			N			5		N	K	N		4			N			4	N		N			5
39	N		N			3	N					2		N				3	N					3	N		N	N		1	N			N		3			N			5		N	N			3						3						3
40			N			4		K		N	N	4						4			N			5	N	N				4						3			N			5			N	N		5			N			4	N					4
TOTAL	28	36	36	36	14	150	28	21	9	25	22	135	34	29	33	33	13	142	30	31	16	28	31	136	20	24	28	31	16	119	24	35	9	20	34	122	9	34	26	33	35	117	15	30	22	25	29	121	33	15	26	32	24	130	20	35	16	36	26	133

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Maria Helena N. Mira
Orientadora - Deptº Psicologia
PUC/RJ

Esther Maria M. Arantes
Deptº Psicologia - PUC/RJ

Terezinha Féres Carneiro
Deptº Psicologia - PUC/RJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 11/12 / 1984

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas